

Contos de Júlio Gonçalves

Traição: Romance original.....2

Contos da minha terra:

“O pequeno do monte”17

“Amar por comissão”23

“Em uma noite de maio”31

Aventuras de um Simplício:

“O fantasma”38

“Um jesuíta”45

“Onde é que está a riqueza”52

GONÇALVES, Júlio. *Traição: Romance original*”. *Ilustração Goana*, n.1, p. 6-7; n. 2, p. 5-8; n. 3, p. 43-46, n. 4, p. 6-10, 1864.

Traição — romance Original

I

COSTUMAVA EU VISITAR, LÁ VAI ISTO DOIS ANOS, UM VELHO, QUE AQUI MORAVA OBSCURO, FURTANDO-SE AOS TUMULTOS DO MUNDO, E ENTREGANDO-SE, SÓ E INTEIRAMENTE, A ENTRETENIMENTOS INOCENTES E DOMÉSTICOS. GOSTAVA DE PASSAR ALGUM TEMPO AO PÉ DAQUELE HOMEM ENCANECIDO PELA EXPERIÊNCIA DO MUNDO, E QUE PODIA SER PARA MIM UM LIVRO MUITO LÍVEL EM COISAS DO PASSADO.

Infelizmente, já hoje esse livro se fechou. E a memória daquele respeitável ancião, obriga-me a recordar sempre as poucas páginas que lhe cheguei. Ouvir quero eu dizer, e digo só ouvir; porque para lhe entender, eu ainda então carecia de algum tino.

Se o leitor me quiser ouvir com paciência, contar-lhe-ei uma história breve mas compugente, que, por isso mesmo, merece a pena de ser, com preferência, contada.

Porém o velho precisa ter aqui um nome. O que lhe viera do batismo já foi com ele, e eu não quero trair a quem nunca se traio a si próprio. E depois, também, aquele nome me faria verter tantas lágrimas, quantas vezes eu tivesse de o repetir aqui.

Aquele homem influenciava grandemente em mim. Deixava-me com um não sei que, aquele ar ora melancólico, ora disfarçadamente alegre, e tudo, talvez, sem motivo. Disse mal, e emendarei, dizendo — sem motivo com que eu atinasse —.

Algum motivo lá tinha ele, eu sei? Deus lhe falou na alma, antes que eu lhe arrancasse o segredo, o que havia de obter sem faltas, com a minha natural galantaria de então, que se contradiz com esta minha cara de hoje que todos dizem e eu não descordo que esteja assim a modo de ferrenha, aborrecida, indicativa de casmurrice, ou estupidez, ou.....Valha-me Deus! Vim aqui com tanta arenga propósito de dizer que o meu velho precisava ter aqui neste romance, um outro nome, que não fosse o das águas pias. Pois bem. Já que precisa chamem-lhe todos *Bartholomeu Lourenço da Costa*.

Foi, portanto, o sr. Bartholomeu Lourenço que me contou a história que abaixo vai, profetizando-me um tempo em que eu tirasse, dela, muita lição de moral.

Esse tempo não acaba de chegar. Veja lá o público se me ajuda na manobra. De certo

isso me a de valer mais que um habito de Cristo.

II

Panelim foi, em outro tempo, o foco da fidalguia goana.

Por fidalguia não vão entender nobreza. Essa há também em minha terra obscura deste país, embora não tenha sido firmada com tinta e papel, nem engrandecida com galões e bordaduras, nem justificada com estados passados.

Que então aqui a dizer? Pois os descendentes dos velhos reis hindus não hão de ser alguma coisa mais, ou pelo menos outro tanto nobres que esses outros proprietários de brasões caducos e baluartes esbarrados, para quem uma folha de canela em prato de carne era *peixe e muito bom peixe*, e um *queijo ananás fruta abundantemente produzida na ilha de Angediva*?

Sei que a constituição foi uma fortuna para o povo português. Mas não sei se foi demais bárbara ou demais équa, açoitando velhas armas, com a admissão para as grandes honras da fidalguia intelectual, que a que hoje reina, mau grado das nobres excelências.

Vicia, pois, ali, que já não me lembra onde, o ex. sr. D. Antonio Manuel da Costa Osório de Gama e Souza Faria de Noronha de Mello Coutinho, pai de uma filha, que fora a ladainha fidalga, que se ia argumentado de geração em geração, só tinha o formoso nome de Maria, fora ainda o competente Dom que não se perca.

D. Maria &c. &c. Coutinho era um pedacinho da alma do seu pai, e uma fibra do coração de sua mãe, e um alento de uma velha tia, que lhe devia legar em herança uns trinta e tantos apelidos, e, finalmente, uma não muito boa figura para a sra. Mafalda, antiga aia da casa, que sempre falou verdade; mas nunca teve razão; porque era aia, porque era criada, porque era menos velha, e, a falar certo, porque não tinha nem armas nem apelidos.

Dotada de excelentes qualidades, para o seu tempo e hierarquia, Maria Coutinho chegou aos seus 15 anos.

Mulher feitas para os que adoravam o sexo, e ainda para se fazer, para os que mais adoram a virtude, — a menina fidalga começou a cumprir três grandes deveres em que se resumia, para ela, toda a moral cristã. Cifravam-se em: amor de oratórios bem trastejados (dever para com Deus), — amor da fidalguia (dever para consigo) — e amor do amor (dever para com o próximo).

Este último principalmente foi que ela cumpriu com o mais rigoroso escrúpulo, e a sua habilidade neste ponto, e a coisa que se á de ver no seguinte capítulo.

III

Ao ouvindo leitor. Vou cumprir a promessa, que te fiz, de descrever aqui a habilidade amorosa de Maria Coutinho. Sei que o prometido é devido.

E se és lá algum doutor em leis, prepara-te para uma petição á juiz leigo, a fim de me infligir uma tremenda condenação, quando eu peque no meu trabalho. Se és filho de Hypocrates, pronta uma receita, para me mandares á outra vida, quando a minha narração te saia mal. Se és padre, reserva-me para o caso dado uma excomunhão. E finalmente, (não são boas muitas hipóteses) se és algum leitor bonacheirão, que gosta de se deitar em uma cadeira á vontade, ou de se estender em uma velha marquise, para aturar com paciência a mania escrevinhadora destes basbaques em papel; se , por fortuna, és desses, guarda de Deus, que és o único que podes aliviar o peso da cruz destes pobres cruzados da literatura, que ancião germinar na pátria os elementos da civilização moderna, não introduzindo novos inventos, mas seguindo nobilíssimos exemplos, que as luzes produziram, as luzes, que aclararam a Europa inteira, e que pretendem penetrar estas trevas.

Caro leitor, quanto tempo durará a luta entre esta obscuridão, que se gaba de si própria, que teima em manter-se para sempre assim obscura, e a iluminação social, que se aferra em arvorar por toda a parte o seu glorioso estandarte?

Caro leitor, até quando veremos a ralharia contra os que se sujeitam á fadigas de espírito, para proporcionar-te o entretenimento e o deleite? Quando é que este vulgo original, frenético devoto de políticas insípidas, dispensará um pequeno apoio, um pouco de pachorra, para o *utile et dulci* destes pregoeiros literários?

Mas deixemo-nos disso. Sei que me não podes acompanhar nestes devaneios. Vamos por tanto á história.

Era um dia Sábado. Ás 6 horas da tarde, silenciosa e triste, meditando aparentemente, e na verdade rezando ao bater longo e compassado dos badalos, estava de pé, á porta da rua, uma mulher adiantada em anos, e ao que parecia, apurada em costumes.

Àquela hora solene, em que a igreja conta, pela terceira e última vez no dia, numero dos seus fiéis, — naquele instante, em que os lastimáveis penitentes de outro mundo ancião apanhar o insignificante sufrágio de uma *ave maria*, quanto doce fora ver o católico, imitando a alma caduca, que não desprezava o seu dever?

Se eu pudesse ver tudo isso, dar-me-ia pelo mais ditoso dos mortais. Mas... quanto infeliz sou! Porque não nasci eu nos bons tempos dos nossos avós? Porque não vivi então, á sombra daquele ditame puros, daqueles preceitos inocentes, apoiados na santidade dos altares, dimanados da virtude do evangelho?

Foram-se os tempos, foram-se costumes. A marcha do mundo não se atrasa, e os tempos passados não voltam. Não me é dado ver hoje nada disso que os nossos pais gozaram. Não me deixa o coração esperar a felicidade, que dos céus venha, e para os céus leve.

É a sina que o tempo trouxe, este tempo, que aboliu o domínio dos rosários, que exterminou o exercício das orações, que despovoou as vias da igreja, que desolou a imensidade dos templos, que, finalmente, deixou gasta e enfraquecida a fé, que tivera bases nos tormentos de um espírito divino, no sangue que regou a Calvário.

Continuemos.

A mulher, que no patamar da sua porta principal, estava á rezar á ave maria, mal acabara de concluir as suas práticas, quando viu aproximar de si mancebo formoso e galante, que deu começo ao seguinte diálogo:

— Boas noites, tia Roza.

“Adê, mé fie. Como tem ucê Agust?”

— Guarde te Deus, senhora. Eu estou bom. Vou vivendo nestas procelas do mundo, que a mão onipotente agita; vou lutando com a tempestade, que me veio surpreender navegando em baixel fraco, que me vai arremessando contra os penedos.

“Ucê, Agust? ucê tá quixand de mund? Ucê ind nã zanou anns papiá!”

“Nã que respondê, Agust? ucê está tã frac par resti tempestade, par vencé torment?”

“Agust ! babá Agust!”

Augusto não respondia. Pobre mancebo! Atacara-o uma vertigem repentina. Fora de si, pela impressão que havia sofrido ao pronunciar das últimas palavras, não ouvira anda do que perguntava a senhora Roza. A boa mulher, chegando-se para o pé do rapaz conheceu-lhe o estado, e pode, felizmente, chamá-lo a si, pelo emprego dos tratamentos caseiros.

Augusto levanta-se espantado, dá alguns passeios na casa, e diz, pegando na chapéu:

— Tia Roza. As de fazer-me um sacrifício.

“Pois nã mê fie!”

— As de me levar esta flor, lançá-la ao pé de Maria, de Maria Coutinho.....

Ai? Antã é sinhô fidalg de S Pêdre, deúz de tempestade?

— Não me atormentes, Roza. Fazes o que te peço. E, se puderes, diz-lhe que esse cravo é dadiva do coração que acalenta Augusto. E adeus.

“Uiá fie, babá Agust!...”

O fidalgo já estava no olho da rua.

Seguia o Domingo. Era o *domingo de ramos*. Pensando e meditando na entrada de Jesus em Jerusalém, no meio das turbas, a boa da velha continuou com os seus deveres de cristã.

Fechado a porta, só e triste, com a única companhia de uma candeia que já trazia a luz amortecida,

Rezou e rezou

Rezou sem parar

Até que o sono

A fez descansar:

IV

De manhã, antes que o sol entrasse no seu periódico mister de alumiar este ditoso hemisfério, a sra. Roza Esmeralda Fernandes já estava á porta da igreja. Mais que o sacristão, diligente no cumprimento das suas obrigações, madrugará a devota comissária de Augusto, cuidadosa das suas práticas religiosas.

A pouco e pouco, que os fiéis se iam apinhando na casa de Deus, e entre o repetir de longos rosários, que estava rezando, Roza voltava os olhos para as portas do templo, e volvia-os depois pelo corpo da Igreja.

Devia ser á procura de alguém; e o leitor já sabe quem é o homem, se é que assistiu com atenção á cena passada na véspera, em casa de Roza Fernandes. Era Maria Coutinho, a fidalga de Panelim.

A menina apareceu depois de um tempo. Vinha trajada de preto e trazia o rosto encoberto por um denso véu. Seguia-a uma criada idosa, com um tapete escuro, que a fidalguinha mandou estender dois passos abaixo da grade que separa do corpo o cruzeiro.

Era aquele o limite para o lugar das mulheres no templo divino. Isso de o belo sexo ocupar o cruzeiro todo, isso de as cadeiras de sala substituírem os tapetes, isso de se trocar a honestidade dos véus por chapéus enfeitados á perder de vista, isso de

balanços, isso de leques agitados, isso finalmente, de risos, de abraços, e de cumprimentos, a frente dos altares, e muitas vezes, até, estando expostas a hóstia consagrada, foi coisa que até aqueles tempos, até aos tempos de Maria Coutinho, não havia visto, nem sonhado a fidalga mais degenerada, nenhum espírito o mais possivelmente irreligioso.

Isso veio para nós atrás das luzes civilizadoras da atualidade. Isso é hoje um dos principais resultados de uma ilustração apurada. O domínio feminil está arvorado. Só resta abdicar as crinolines.

Mas, como ia dizendo, a velha Rosa, logo que chegou o momento de os meninos sacudirem as flores das palmas, fez cair o cravo mandado por Augusto no seio de D. Maria, que o apanhou imperceptivelmente. O pé da flor levava internado um bilhete, que o choque do lanço deixou sair. A menina leu-o por entre as páginas do *Passionário*. Dizia, apenas, assim — Augusto —. D. Maria escondeu-o recatadamente. Naquele tempo, quando mesmo se professasse o namoro, evitava-se ao menos o pior, que é o escândalo.

Tem já o público uma grande prova da habilidade amorosa de D. Maria Coutinho. E a maior foi, de certo, a da matreira devota, que tão séria e gravemente cumpriu a recomendação do seu jovem visitante.

Por esta parte o leitor deve estar-me obrigado, porque lhe escrevi o que não havia prometido, o que, por conseguinte, lhe não devia. E se em tudo isto mostrei minha parte alguma habilidade creia o leitor que o foi, só, pela minha demasiada inabilidade em oculta lá.

Resta-me ainda o principal para levar o leitor ao desfecho desta cena; e apresenta-lhe os meus amigos Augusto Luiz de Oliveira Sampaio, e Rosa Esmeralda Fernandes. Terei a honra de fazê-lo no capítulo imediato.

V

Então, tia Roza, fizeste o que eu te havia pedido?

Pois nã, mê fiz! Uiá babá: demãiam cêd, candeu ta vai par igrêz, senhô dou Mari ind nã ta vi par li. lou esprá, esprá, esprá, uiá tud port, el nã ta chêgá mesm; final ta vi, e ta ajoelhá ali lonj, bax de grad. Assim nã ta podi atrá mesm seu crau, como podi. Agust? Tud gent havi uiá, e dispôs er iscandl, sabquimas sinhô babá? Só pur ser iou ta cumpri orde de meu fidulguinh, nós não pode fazê assim, nos tem cristão, papiá, conxiex...

Et coetera.

E era assim, neste gosto que a senhora Rosa Esmeralda Fernandes dava contas ao senhor Augusto Luiz d' Oliveira Sampaio da comissão de que fora encarregada. Até que, enfim, o fidalgo, satisfeito do desempenho da velha, remunerou-a bem, e a deixou em paz, rezando o seu cumprido terço, de que, á grande distância da casa, se ouviam os *di nós mort, ame Jisús*.

Ora agora, deixando a velha na sua devoção, e sem ir atrás de Augusto, o leitor a de querer, primeiro, vir ter-se comigo para se inteirar da genealogia e de notícias biográficas da senhora Rosa, e de Augusto.

Vem a mau tempo. Esta cabeça não está hoje para entreter em lenga-lengas. Mas qual! Se lhe digo lá isso, arruma-se á cara o muito conhecido rifão: *quem promete, na divida se mete*, e estou apanhado, porque eu sou, fui sempre, e sempre hei de ser um rigoroso escrupulista na satisfação de todas as dividas, ainda as mais pequenas.

Ora vá, pelo menos, meus caros senhores, hão de me perdoar as culpas, a absoluta falta de habilidade com que lhes vou apresentar dois dos meus principais heróis. A senhora Rosa, primeiro, e o senhor Augusto, depois.

A senhora Rosa Esmeralda Fernandes era filha bastarda do sr. Innocencio Telles d'Avelar Martins, fidalgo europeu, e tenente-coronel de milícias, e da sra. Liberata, sem sobrenome, mulher plebéia lá das terras de Salsete, cujo marido abrira loja de taverneiro em um dos arredores da cidade velha. Hão de admirar já a *baixeza* daquele sr. tenente-coronel lidar-se com uma *baié*. Eu, para mim, não acho nada admirável.

Mas como ia dizer, a senhora Rosa, criada, até a idade de 12 anos, pela sua mãe, entrou em crioula pela casa do sr. Innocencio, cuja excelentíssima senhora era parente muito chegado do excelentíssimo senhor D. Antonio Manoel da Costa Osório de Gama &c.&c., de quem falei no principio deste romance.

Viveu muito tempo a senhora Rosa em casa do miliciano, que ela nunca conheceu como pai, e, com a morte dele e da sua mulher, passou a habitar a pequena casinha em que a vimos, e que lhe foi legada pelo sr. Innocencio. É escusado descrevê-la, porque hão de Ter uma idéia aproximada que seria. Contudo direi, em duas palavras, que era assim uma habitação decentinha, com uma porta central á duas janelas, e constante de um *ossoró* e dois quatinhos interiores, e mais as serventias, e mais ainda o competente quintal de cria, em que se via algumas galinhas com pintos que a boa da mulher criava, porque ninguém lhe tolhia a liberdade de criar em sua casa o que

quisesse; e depois, também, a cria da senhora Rosa rendia-lhe algumas coisa para a barriga, porque.....não direi o *porque*, — nem de tudo estou obrigado a dar razão.

E, continuando a narração, ainda me resta a dizer que todo o grande espólio do miliciano passará para o senhor Augusto, filho da sua sobrinha, que passará ao seu cargo depois que lhe morreram os pais. Isto nos últimos anos de vida do velho Telles. Daqui as relações de Augusto com Rosa, de Rosa com D. Maria Coutinho, e de todos entre si.

E estão apresentados os apresentáveis.

Agora, entre parêntesis. Quanto ao português mascavo que falava a senhora Rosa, apesar de tanta lida com fidalgos e fidalgas, parece-me que mesmo essas falavam então nada melhor a língua, apesar da lida com europeus e europeias. O certo é que o português que lá elas falavam, precisava de ser traduzido por outro português pelos maridos, para, ainda assim, ser dificilmente entendido dos verdadeiros senhores da língua: salvas as exceções.

De então hoje, vai alguma coisa apurado; mas ainda o *ell'outro*, o *mãí-Deus*, e outras frases peculiares não estão abolidas de todo. Fechem o parêntesis.

E já vêem que me entretive em digressões, em vez de me aviar logo. Não me levem isso á mal. É a mania dos romancistas, muito mais quando são bisonhos, e se dão ao encargo de moralizar o povo, sabendo bem que o povo faz tanto caso disso como do diabo, porque é o povo, especialmente quanto aos costumes, rebelde á toda a crítica dos escritores. Não falemos nisso.

VI

O meu amigo leitor quererá assistir a um baile? Venha comigo.

Um baile, o que era um baile nos tempos deste pobre romance? Um baile, então não se cifrava em papança desregrada de bolacha, em engolir café num copo d'água no topo de uma escada interior, em procurar bilhete para a primeira contradança, a fim de cumprir promessas antecipadas, e finalmente em decompostos *détachés*. Um baile então era para cantarem muitas senhoras a porfia, para se executarem ricas árias ao piano ou a guitarra, e para assim outros entretenimentos inocentes, que hoje vão-se acabando inteiramente.

Eu conheço uma senhora, já hoje cansada, que em outro tempo fez sua brilhante figura, pelo primor da voz, pela habilidade musical e pelo delicado das maneiras, com que atraiu as atenções de todos. Chama-se D. Rita e hoje vive estranha ao mundo, e

entregue as boas práticas. — Diz-me ela algum dia que a visite: “Quem pensava no meu tempo que a decência fugisse receosa dos balões, — que uma fidalga se risse da companheira, por dançar sem jeito, ao passo que a si lhe esquecem os modos — que outra desse um empurrão na vizinha até desalojá-la do assento, para acomodar melhor as suas saias? E tudo isto num baile?”

A senhora D. Rita repete quase todas as vezes estas e outras coisas a que ela chama *imoralidade*, e todos que a ouvem a dizerem-lhe que isso são idéias retrógradas, e que nada do que lhe estranha indica imoralidade, mas sim uma civilização, um adiantamento, um progresso prometedo. “Prometedo de indecências” replica ela. Diz-se-lhe que s. ex.a não passou ainda Paris, e que isto vai sendo Paris. Qual! A boa mulher não sai do seu modo de pensar. Acha que para Goa ser Paris é preciso que os séculos tomem volta. — “É possível, diz então ela, é possível que se chegue a ser Paris, começando por ser a Assíria dos tempos derradeiros?”

E quando ela vem com exemplos históricos, não há que replicar-lhe. Eu fujo quase sempre então. Mas..... a de julgar o leitor, que eu fujo também, de levá-lo ao baile.

Venha meu senhor. E tenha a bondade de entrar que aqui é do senhor D. Antonio Manuel da Costa Osório, pai da menina que v.ex.^a conhece; suba pela escada acima, que eu cá fico vendo de fora; observe, porém, tudo, e em venha contar miudamente. Fico-o esperando.

Passaram-se duas horas.

— Então que viu? O que é um baile?

“É isso que tu (tratemo-nos por *tu*) descreveste, — nada mais nem nada menos. Mas, sobre tudo, gostei de uma menina, que, pelos modos, era filha de casa. Acanhava-se quando passasse por ao pé dela em belo moço, que mirava recatadamente. Corando-se um e outra alternadamente, e depois de mil lutas de coração, o mancebo falou-lhe, ela fez-lhe pálida, disse-lhe que não sei o que, e retirou-se para dentro, em quanto o rapaz saiu, também. Pelo que vejo, eles se amam muito. Aquele é o verdadeiro amor que fala pouco. Conheceste o rapaz?”

— Esse que foi por ai abaixo?

“Saiu apenas.

— Ah! É Augusto de Oliveira. Dou-te os parabéns, meu amigo; — viste justamente o que eu desejava que me contasses. Então Augusto ama?

“Ama.

— Muito? Parece-te que ama do coração?

“Muito do coração. Deus os abençoe.

— E a menina corresponde-lhe?

“Deu grandes mostras. Para mim, ela o ama mais do que ele a ela.

— Então já sabes tudo. Não tenho, já que conta-te nada. Muito obrigado.

“Como! Pois á que caso vem o que eu vi, para o teu romance?

— Vem a caso de serem os amantes que tu viste, os mesmos de que estou a fala-te ha tempo. Valha Deus a tua memória

“Ah! É verdade. Mas dizem, pelo menos, como se amaram tanto Augusto d'Oliveira com Maria Coutinho?

— Eu cá sei? Vou perguntar. Adeus até a outra.

VII

Eis-me, aqui, leitor, a contar o resto. Desta vez é preciso que me ouças em paz, que tens muita coisa que ouvir. Vou narrando e não passarei disso. Fiz promessa de acabar com esta arenga.

Pois bem. No baile a que o leitor assistiu viu coisa notável entre Augusto d'Oliveira e D. Maria Coutinho. Era o amor com todos os seus recatos e desconfianças. Perguntou-me de onde provinha aquilo. Não soube responder-lhe. Não podia.

Contei poder dar hoje a solução do enigma, e não sei se a darei. Cá o meu animo não parece estar convicto de uma resposta que dê. Importa. Direi o que souber, e não se me queira mal por isso.

Ora por mil informações que tomei, não pude inteirar-me da procedência daquelas afeições. Aquele sr. Bartholomeu, que teve a pachorra de me contar esta história, ocultou-me tanta coisa, talvez por esquecido, que tenho-me visto aqui em esparrelas, para me desembaraçar das perguntas do leitor. Verdade é, porém, que lá ele não teve culpa disto. Sim eu. Eu é que tenho culpa de não opor-lhe dúvidas, pedir-

lhe esclarecimentos, e fazer-lhe perguntas. Mas, se eu então tivesse o bom juízo e a perspicácia do leitor!

Como estava a dizer, por mil informações, que tomei, só consegui saber que o sr. Augusto, como parente, que era, da menina, passara a infância ao lado dela, em entretenimentos inocentes, e doces brinquedos, — que quando já iam crescendo em idade o sr. D. Antonio se esforçará por afastá-los um do outro, e que desde a morte do miliciano Innocencio, cortava-lhe todas as ocasiões de se encontrarem entre si, — que o mancebo havia começado a ler naquelas prevenções, alguma coisa de extraordinário, que lhe ia acalentando mais o palpitar do coração, — que impossibilitado de corresponder diretamente com a companheira da sua infância, valera-se da velha aia da sua casa, a sra. Roza, e exprimira por ela o que sentia. O cravo do dia de ramos fora o símbolo desses sentimentos, — que, finalmente, tendo Augusto ido assistir ao baile da casa do seu parente, para aproveitar uma ocasião publica de se encontrar com D. Maria, e mesmo para poupar ao público o conhecimento do que por lá ia de ingrato, o sr. D. Antonio lhe havia pedido bruscamente que se retirasse da sua casa, o que o bom rapaz fizera imediatamente, pedindo á Maria uma inteligência, a que ela havia correspondido superiormente corando-se, e saindo também do baile.

Isso já nós sabíamos, há muito, e assim mais, que á despedida, Augusto lhe dissera alguma coisa; e quando a isto o que sei de mais e devo dizer, é que aquelas palavras do fidalguinho eram uma prevenção do que devia efetuar-se no dia seguinte.

O que? O meu leitor espantou-se! Ah! O dia seguinte!.....O dia seguinte, meu amigo, foi fecundo em cenas lamentáveis. Vai ouvindo.

No dia seguinte, que era o imediato ao baile, alguém que sabia da repulsa da noite, admirava-se vendo Augusto em casa de D. Antonio. Curioso, escondeu-se e esperou. — Eram 8 horas da noite. Repentinamente ouviu-se uma berraria, de que só se distinguiam as expressões — *Não te dou, brejeiro, é desaforo, á rua, vai-te embora á rua*. Era natural que a berraria fosse com Augusto. O rapaz não disse nada. Saiu descorado; e o curioso que se escondera na rua, viu-o retirar-se com lágrimas nos olhos.

Ao passar pela porta do jardim daquele palácio, que para ele só merecia respeito, por viver ali a existência que ele tanto prezava, — o mancebo ouviu uma voz que lhe chamava “Augusto?”

— Maria! Gritou o moço e aproximou-se

“Então? O tirano não quis?!”

— Não, Maria, negou-me. Embora. Dentro desta noite estaremos juntos.

“Como, meu amigo?

— Fugiremos.

“É impossível.....— Esta expressão fora para Augusto um raio cruel. Com ela morria-lhe a última esperança, que o obrigará a sofrer as injúrias do pai de Maria. Com ela acabara-se o último alento, que o confortava.....; e a menina, chorando em companhia d’Augusto, continuou.

“É impossível, meu Augusto, muito impossível. Meu cruel pai é cauteloso de mais. As criadas me vigiam, e depois das 9 horas estou presa, encerrada no meu quarto. Ah! Se antes disso pudéssemos sair!

— Por que não?

“Porque nos apanhavam imediatamente

— E então?

“Só a morte, Augusto, só a morte; unamo-nos no céu, já que é impossível unirmo-nos na terra.

— Está dito.

“Toma, e vai-te. Antes das 9 escreve-me o último adeus de despedida, e manda-me o teu cão, o nosso fiel amigo da mocidade a prevenir-me. Quase ao mesmo tempo estaremos no céu.

— Pois sim. Abracemo-nos. É o último abraço mundano

E foi-se.

Foi-se para onde? Para a cabana da tia Roza. — A boa velha estava no interior a preparar a ceia, e não deu fé da entrada do infeliz hóspede. Augusto dirigiu se á uma mesa, e escreveu uma carta, pô-la na boca do cão, e aviou-o. O leal servo segue o seu destino.

Ouviu-se um tiro ao longe. Ao mesmo tempo Augusto dissolvia num copo os poses que lhe dera Maria Coutinho. Dentro de um quarto, depois que havia tragado o copo, caiu por terra soltando um grito.

Ao grito acudiu Roza, e viu estendido no chão o seu Augusto. O susto embargara-lhe a voz á boa mulher. — Gritou, perguntou, pôs-se a chorar, e a todos os

seus esforços caseiros, que já de outra feita haviam aliviado o rapaz, este não dava sinal de vida. Não era portanto só uma vertigem.

Fora de si, a velha correu a chamar o médico que morava ali perto; e voltou com ele.

— Que é isso? Perguntou o doutor á sra. Roza

“ Uiá, sinhô dôto, rapaz ta murênd, sinhô dôto, pur mô de Deuz, dá remed, sinhô dôto, mô pai.....E a velha estava a chorar.

O médico aproximou-se da mesa e examinou o copo. Espantado e triste, largou-o, e ia a retirar-se. A aflita velha embarçou-o, caiu-lhe aos pés, pedindo o alivio do mancebo.

— É impossível, disse o médico, tomou veneno, e está morto, á meia hora.

Um golpe repentino e inesperado ferira Roza. Infelizes! Nem existia lá um criado!

O doutor quis furtar-se á essa cena. O coração já lhe transbordava de dor. Chegando ao limiar da porta viu entrar um cão, com uma carta. Tirou-a da boca, e chegou á candeia para ler.

Leu. Dizia assim: “É chegada a hora. Maria, adeus. Espero-te nos céus, “se formos ao mesmo tempo. — Á volta do cão, estarei morto. — “Augusto.”

O médico dobrou-a, meteu-a no seu álbum de lembranças, pôs-se a contemplar o cadáver do infeliz mancebo. Junto dele, e durante a leitura e a meditação do doutor, caíra também morto o cão, em terríveis convulsões.

Saindo, o compassivo doutor correu a prevenir os criados de Augusto, de que seu amo morrera em uma cabana. Dali dirigiu-se ás estações competentes, e dentro daquela noite, e da manhã seguinte, graças ás diligencias dele e dos criados do finado, estavam feitos todos os aprestos para um enterro luzido.

Conclusão

Ás 10 horas da manhã do dia imediato um brilhante préstito passava por baixo das sacadas do palácio dos Coutinhos. Um grande número de amigos, fidalgos e plebeus, consternados e silenciosos, acompanhavam o cadáver a sepultura. Á sacada estava D. Antonio, aparentemente triste, e a outra, uma mulher impassível e calada a contemplar o préstito. Quando este acabou de passar ela retirou-se murmurando com um sorriso “Infeliz! fez bem de morrer; que fazia neste mundo?”

E quem era aquela mulher? Tu a conheces, leitor.....

O sr. Bartholomeu Lourenço da Costa acabou com isto a sua história. A última cena trouxe-me lágrimas aos olhos, apesar de que eu não conhecia ainda então coração para avaliá-la.

Cumprindo o pedido do velho, contei-a aos meus leitores. Só a alterei quanto era preciso para avivar a narração, de modo que me ouvissem com paciência.

E concluído direi ainda duas palavras.

Roza Esmeralda Fernandes, cheia de desgosto, morreu poucos dias depois de Augusto. A devota mulher não descuidou até os últimos momentos da sua vida das práticas santas, e entregou a sua alma á Deus com todo o fervor religioso de uma boa cristã.

Todas as mais personagens deste romance estão mortas. — A filha de D. Antonio, ainda vivia na *ilha do Príncipe* em 1844. — Casada lá com um degradado, — e estava velha e cega. — Sabe-se isto por uma carta recebida pelo sr. Batholomeu de um amigo de Lisboa. Às últimas palavras da carta são dignas de memória: dizem.

“Parece que Deus quis fechar depressa aquela vista que havia olhado impassível ao último transito da sua vítima. E parece, também, que prolongou aquela existência para aumentar o martírio do remorso. Em parte estimo que aquela vida dure, para recordar o que nossos olhos viram e que precisa de ser legado à posteridade. — Oxalá que alguém o faça.”

Por mais esforços que empreguei, não tenho podido obter notícias posteriores de D. Maria Coutinho. Se morreu, Deus lhe fale na alma.

Está acabado o romance. Não de achá-lo mesmo uma imoralidade. Era preciso que assim fosse, porque das imoralidades é que se tiram as moralidades magnas. Agora, estas tire-as o leitor. — Não é para ler só, que se escrevem romances. O romancista é que só as escreve por escrever. Perspicácia, juízo, inteligência, é o leitor que as deve empregar no decurso da leitura, se quiser aproveitá-las.

A presente historieta, narrada por uma pena que nunca se estreou, antes em matérias românticas, funda-se sobre pontos moralíssimos. Tende a mostrar o fim que leva um mancebo, sem pais nem parentes, entregue apenas ao domínio das paixões, — os resultados funestos da louca precaução com que os pais querem evitar os efeitos, depois de terem estabelecidos eles próprios as causas, — a inconstância de certas

damas, que não temem o mundo quando entabulam correspondências imantenedoras, mas temem os pais ao tempo de cumpri-las, — o desprezo que a sociedade vota até a grandes fidalgos, quando não tem nem pais nem padrinhos que os recomendem. Etcetera.

Moralizem o que acharem de mais, e.....a até a segunda se Deus quiser.

Coletânea, composta por três contos, intitulada de **Contos da minha terra**: “O pequeno do monte”, “Amar por comissão” e “Uma noite de maio”.

GONÇALVES, Júlio. Contos da minha terra: “O pequeno do monte”. *Ilustração Goana*, n. 6, p. 6-9, 1865.

Criança de seis annos, estava eu um dia á porta principal da minha casa, brincando muito ali sosinho, e occupado em ver passar os viandantes por esta nossa bela rua, á que, não sei porque exquisitice, puzeram o nome de =4 d’abril=.

Eu era muito brincalhão em criança. Perdi até um dente por querer saltar á terra das alturas d’uma grande commoda em que meu avó me havia deixado como preso; e ainda bem que tive outro, graças ao não ter eu ainda então passado dos 7 annos. Sempre me ficou largo o beijo inferior, pelo qual aquelle senhor dentinho teve a imprudencia de fugir.

Brincava eu, como ia dizendo, e brincava ali sosinho, quando se me chegou um d’esses viandantes vulgares, com apparencias de mendigo e cara de tratante, que por lá andam.

Parou e rezou junto á mim, sem que eu me importasse com o homem que estava a olhar-me fito, não sabia eu porque. Agora he que sei.

Disse-me elle logo, tendo cessado de rezar. << Babasinho, tem recados da avó; lembrou-se muito do babasinho; quer vir á ella?>>

- Eu não, respondi eu mettendo-me para dentro.

O velho era tratante, mas não tratára bem. Descaiu o pobre, em me fallar da avozinha, que já me haviam morrido todas, antes que eu nascesse. E depois, pensava eu: quem he que faz d’um mendigo, um portarecados?

Eu tinha bastante juízo então, tanto como hoje não tenho. Era criança e bastava, que de crianças fugiu até o demônio, como lá contam as velhas.

E depois com 6 annos já tinha sufficiente experiência para não cair em armadilhas dos viandantes.

Já uma vez um havia carretado com o meu irmão pequeno para a casa da supposta avó, e teria ido o pobre menino, se um amigo da casa (*1) o não sacasse das mãos do carreteiro oficioso á quatro leguas de distancia, e nol-o restituísse são e salvo.

Ora eu quando o devoto murmurante dos *padre nosso* á porta alheia me fallou em avó e em recados, puz-me a correr para a minha mãe, deus m'a tenha, gritando aos criados que rodassem o pau ao costado do rouba-pequenos, que felizmente teve a boa idéia de se pôr a salvo.

Postos em socego, houve o fallar-se muito sobre casos iguaes, igualmente acontecidos á outras pessoas menos felizes do que eu.

Um meu fiel aio, que fôra filho d'um marinheiro, e que entrára havia muitos annos em serviço da minha família, contou então uma curiosa historia.

Eu do regaço da minha mãe, ouvia attento, silencioso e admirado aquelle posterior vaticínio do que me teria acontecido , se Deus me indundisse o gostinho de ir á avó.

Contou elle então, e conto eu agora como lhe ouvi. Que bonito conto não he! Hão de m'o ouvir.

Um numeroso regimento de pastores, atraz d'outro regimento de gado, andava pelo monte, ahi em uma d'essas nossas aldêias. Creio que foi em S. José do Areal.

O monte era calvo de matto, mas bonito de relva, de relva verdinha e abundante, que servia de excelente pasto ao gado, e de bons macios tapetes aos pastorinhos.

Os rapazes haviam armado um jogo; estavam ahi no maior calor dos seus entretenimentos.

Foi á tardinha. Foi ás 5 horas e meia.

Passaram por ahi dois homens de cambolins aos hombros, e redes e cordas de cairo entroxadas á cabeça.

Conhecem por cá essas redes. Aos que não conhecem, como por lá hão de haver muitos, sempre descrevamos: são sacos de cairo feitos a modo das redes, muita abertas; podem passar pelos orifícios muitas vezes até paus, frutas e objetos diversos de soffrivel tamanho. Aquelles saccos por tanto só servem de conter volumes grandes,

¹ O sr. Pedro Joaquim Peregrino da Costa.

como sempre vêmos fazel-os servir para o transporte, de que? De cocos, de panellas, de vasos de cobre, e de outras coisas assim. Em língua do paiz tem o nome de *zabró*.

Chegaram-se os homens das redes aos innocentes pequenos, e puzeram mão á dois delles. Quando os mais os viram em attitude violenta, tomaram as de villa-diogo, rogando boa sorte para os seus infelizes companheiros, e levando com o gado a triste nova para o povoado.

Um dos apprehendidos fez tal esforço de se escapar, que obtendo convergir para si as attenções e as forças de ambos os aggressores, pôz o seu companheiro da desgraça em estado de fugir, porque ainda então não estava de pés atados.

Muitas vezes se encontra, mesmo em crianças provas espantosas d'amizade fraternal, e de interesse cordeal, como a que deu o pequeno Francisco ao seu companheiro, que de mãos juntas escapou, para a sua família.

Ficou o pequeno Francisco, era assim a graça do Pastorinho, só e submisso á mercê dos apanha-moços. Sabia que triste fim o esperava, e esperava com tudo com coragem, um qualquer allivio do destino, que lh'a poupasse.

Deixou-se atar, deixou-se ir ás costas do ladrão-humano, bem seguro na rede, como um animalsinho do matto, que se achou á caça. Até então já havia anoitecido.

No povoado alvoroçaram-se as famílias dos dois pequenos, e correram pais e mãis, afflictos e lacrimosos ao lugar, em que, haviam-lhes dito, tinham sido presos os seus pobres filhinhos.

De caminho, encontraram Carlito, o pequeno salvo, graças á bondade do seu amigo e collaga o pobre Francisco.

Souberam os pais de tudo, e mais da piedade de Francisquinho no meio do seu infortúnio, e redobraram-se os cuidados e interesse d'ambas as famílias pelo pequeno perdido.

Procuraram, gritaram, correram, choraram, e Francisco estava bem longe d'elles.

Os pais do pequeno, desconsolados e doridos tomaram caminhos diversos á procura do filho, e nem um acertou com o trilho que haviam seguido os deshumanos roubadores do fructo das suas entranhas.

De noite, pelos mattos e pelas selvas, pobres pais, com o coração no filho, com os olhos ás distancias, e com a esperança no sábio disponente das coisas e dos destinos deste mundo, d'aquelle Deus que no alto está, e do alto nos rege, foram-se e foram-se, nem elles souberam para onde, e andando noite inteira não obtiveram o pequeno.

Á madrugada do dia seguinte deram-no por morto, e cursaram expansivamente as suas lagrimas, atenuando a dôr <<Meu Deus, meu Deus, que fôra o mundo se nos não desse o chorar?>> Disse já o auctor do *Eurico* pela boca do presbytero. Disseram-no também e repetiram-no mil vezes os infelizes, e repito-o também aqui eu, o pobre narrador desta história.

Entrementes batia a porta da sua humilde vivenda um rapazinho de 12 annos proximamente. Parecia que algum susto o havia tomado, e alguma repentina consolação o fazia alegrar. Trazia o rapaz a cara, demonstradora das lutas entre uma grande afflicção passada, e uma inesperada felicidade.

Aquelle pequeno era o mesmo que Francisco; com, de mais apenas, uma brilhante cinta de prata, e outro luzente collar de pedra verde, que elle na sua pobreza não havia tido da família.

Era elle o Francisquinho? Se era! Como, pois, elle havia ganhado joias em sítios e situações infelizes que devia ter passado, era mysterio, era objecto de curiosidade intolerável de todas as visinhas do rapazinho, como de todas as mulheres, em casos taes, muitas vezes mesmo, em quaesquer casos.

Cercaram o pequeno os visinhos todos, e metteram-se com elle para dentro da cabana, a quererem saber do facto . a cabana com seus trartes, haviam sido guardadas pela gratidão da família de Carlito á Francisquinho. Os dois pequenos abraçaram-se em extasis de ternura, e beijaram-se e sorriam-se. E lá os outros perguntavam, inquiriam, pediam explicações á Francisco, que não podia ainda dal-as; porque trazia a cabeça occupada em cuidar no que teria sofrido seus pais.

Estes chegaram, mercê divina. Foi um transe inexplicável aquelle, como todos, em que succedem grandes prazeres á grandes dôres.

Houve um momento de alvoroço primeiro. Depois outro momento e silencio. Ao cabo alguns momentos mais de lagrimas afortunadas, nascidas do prazer. Depois seguiu a narração de Francisco.

<<O caso foi assim:

<<Levaram-me os demônios para seu casebre, que não sei mesmo em que infernos fica. Bem amarradinho, cheguei eu ali, alta noite.

<< Soltaram-me, deram-me de comer á regalada, fizeram-me todos os obséquios, e dormimos todos juntos.

<<Conheci eu que aquelles homens eram pescadores. Sabia já d'ouvir que os pescadores sacrificavam crianças ao deus Neptuno, para terem as rêdes cheias de peixe. Acautelei-me.

<< Durante a ceia vi esta cinta e este collar no corpo d'um único filho d'aquelles sujeitos. Fiz meus cálculos salvatorios, e deitei-me com a família dos meus futuros assassinos, muito á minha vontade.

<<Dizem que o homem sacrifica a sua victima e véla. Seria talvez por terem de velar depois, que dormiam bem aquella noite os meus roubadores? Não sei. E quem sabe quantas outras d'aquellas elles teriam feito?

<< O certo he que elles dormiram bem. Deus mesmo o quis.

<<Alta noite esgui-me eu, e apalpando e apalpando, descobri o lugar onde dormira o filho da casa. Levantei-o. Transportei-o mansinho, Deus mês perdoe, á minha cama de flores, dada á mim como se dá tudo a quem vai á forca. Deitei-o bem em lugar de mim, tirei-lhe os trastes, e usei-os para mim; e fui descansar traquillo, mas vigilante na cama do pobre rapaz, Deus me perdoe.

<<Á manhãzinha acordaram os homens, e munidos de todos os seus instrumentos, sem luz nem alvoroço foram procurar-me, e carretaram com o meu substituto, que foi-se, coitado, ainda dormindo para o sacrificio nefando.

<<Mal que os homens haviam acabado de sair com a victima, saí tambem eu, e tomei um trilho diverso, mas seguindo-os; e ocultei-me atraz d'uma selva.

<<Era o romper da aurora.

<<Os cruéis cortaram naturalmente a cabeça do pobre rapaz. Cortou-me este pensamento o coração; mas não me remorde aqui a consciência de que meus pais me fallam, e eu não sei o que he; porque fiz tudo para salvar a minha vida, e depois rezei-lhe per alma e chorei muito por elle.

<<Meu pai, que queria que eu fizesse? Elles que querem muito peixe, que dêem o filho ao diabo. Os meus pais precisam de mim, e aqui estou. O que sinto he que não fosse também a cabeça do pobre rapaz para o mar, porque assim ao menos comia muito peixe. Sem cabeça e portanto sem boca, como hade elle comer? Coitado”>>

E Francisco verteu uma lagrima pela victima dos seus algozes. E todos fizeram o mesmo, e oraram a Deus pela alma do infeliz.

Francisco contentou-se apenas com cinta de prata. A pedra-verde, encastoadade oiro, foi applicada para as depezas d’uma pomposa acção de graças pela salvação de Francisco, e por alguns suffragios ao seu defuncto substituto.

Todos aquelles pobres lavradores viveram, e quem sabe se vivem ainda, em plena paz. Francisco e sua família gratos a Deus; Carlito com a sua, gratos á Francisco.

Os mais só ficaram com a pequena inveja pela cinta de prata.

<<Tomara eu dar um desses peraltas de tantos que tenho, por ter uma cinta assim>> dizia um dia um pai: e a mãe observou-lhe: <<E quem te assegura que Deus dá cintas a quem tem muitos filhos?>>

A boa mulher tinha razão, e o marido deu-lh’a. A ambiçõesinha acabou. Uma nova razão veio exteinguil-a; e era que os pescadores dos homens só tinham um filho com uma cinta, e também, nem a todos abre Deus estradas no mas.

J. Gonçalves.

GONÇALVES, Júlio. Contos da minha terra: “Amar por comissão”. *Ilustração Goana*, n. 7, p. 6-11, 1865.

I

O ano do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos sessenta e dois, na bela vila de Margão, nessa á que chamam lá Atenas Goana, como se Atenas fosse vila, e nas casas de morada de um certo morgado houve um esplendido baile, tão esplendido como os que poucas vezes se vêem nesta nossa pobre terra.

O baile era por ocasião de um casamento, e o casamento por causa da efetuação de uma circunstância, que aqui os nossos sarcásticos avoengos fizeram conhecida pelo provérbio ou anexim o mais pequenino que nós sabemos, e é: — chuva no mar —.

Não souberam ainda o que é chover no mar? É coisa que sempre vemos. Chove sempre no mar quando um morgado casou com uma morgada, ou um milionário com uma única e universal herdeira de não sei quanta gente. Chove no mar toda vez que o filho único de um pai rico vê-se cercado de uns poucos de testamentos de um sem número de padres tios, que sempre são pessoas respeitáveis, por que sabem enriquecer-se eclesiásticamente. — Chove finalmente no mar em outros que tais casos similares. Mas a propósito: quem me dera Ter um padre tio missionário de Baçaim ou Ceilão?

Chovia, pois, no mar em casa do morgado marganense, e por causa dessa chuva houve ali um casamento, e por causa do casamento um baile, e por causa do baile uma reunião vastíssima de quantas calças apertadinhas por ali haviam, e mais nos arredores. No meio destes tomava lugar humilde o jovem Paulo.

Não conhecem Paulo? E que lucraram em conhecê-lo?

II

...Ó Paulinho! Sei que estivesse em Margão.

“ Estive.

— E como achaste a vila?

“ A melhor para Goa, a pior para o mundo. Muito boa tanto para mim, como para ti.

— Estás elegante. Que tens tu visto para julgares que Margão é o pior vila do mundo?

“ Bastava ser vila de Goa, que é a pior de quantas terras há. — Deus me perdoe.

— Tolo! Não é Goa uma terra de raridades? E uma tal terra tu taxas de má, tu o filho dela? Infeliz! Até os seus....

“ Tens razão. Não há quem falou.

— Mas disse-me, que viste de melhor no baile?

“Mulheres.

— Qual achaste melhor entre as mulheres?

“ Não fui ler-lhes o coração

— A mais bela? A mais elegante? A mais....

“ Mariquinhas.

— Então é certo que te perdeste por ela

“ Não me perdi tal, e a prova é que aqui estou.

— Namorou.

“Não entendo deste ofício

— Apaixonou-se por ela, isto é infalível.

“ Valha-me Deus! que tens tu hoje José? Estás tão impertinente!

— E não viste nada mais de bom?

“ Vi valsas, vi janotas, vi bolinhos, vi chocolate, e vi tantos á caírem como loucos sobre cada uma destas coisas!

— Qual preferiste? Tudo isto, ou Mariquinhas?

“ Mariquinhas.

— Gostaste mais da mulher, que é a pior coisa do mundo

“Adeus, adeus. Tu perdeste hoje a cachimonia

III

Dois dias depois José segredava com Joaquimzinho seu grande amigo, e que também era muito amigo de Paulo não sei que historieta. — Paulo notou-as com seriedade, e retirou-se sem malícia.

Daqui á nada José e Joaquim saíram também da sala (era isto em casa de José), e meteram-se lá para dentro em um gabinete, e meia hora depois um correio marítimo levava uma carta á Margão.

Entretanto Paulo recolheu-se com Joaquim para a sua casa, e puseram-se a conversar sobre vários negócios de rapazes, com a mesma fraqueza e amizade que entre eles reinava.

Incidentemente lembrou-se Paulo dos segredinhos de José, e quis mais ou menos saber daquele negócio não com malícia, mas por uma inocente curiosidade.

Joaquim não soube explicar-se, e o caso é que Paulo pouco se importou de insistir no ponto e de adiantar-se nas pesquisas, porque também para aqui não levava-o nunca a sua curiosidade, e porque era pouco amigo de saber a fundo das coisas alheias.

Parlaram, entretiveram-se, deixaram ir suave o tempo abaixo, e o tempo foi-se em mais de dois anos, vivendo todos amigos como até então eram, e como até hoje são.

Sei isto porque tive a honra de ser admitido á amizade de Paulo, que é, posso assegurá-lo, o melhor rapaz de quem eu poderia falar ao senhor leitor. Cheguei também a conhecer José Joaquim, mas até hoje não tão perto que possa dizer deles o mesmo que de Paulo.

IV

Há pouco tempo, Paulo foi de novo á Margão visitar um parente. Teve aqui encontro com Bernardo de Gama, um dos seus amigos de lá. Abraçaram-se, mataram saudades, e passaram lá bom tempo em bela sociedade.

Sociedade de amigos, já se vê. — E que há de melhor coisa que uma sociedade de amigos especialmente quando poucos, e sendo á pluralidade de gênio prazenteiro e sociável?

Paulo, o jovem visitante hóspede na bela vila, não era lá homem de animar muito sucias. Mas apesar, a sucia foi, foi animando-se progressivamente em obséquio ao sr. Paulinho.

Bernardo de Gama, porém, que atendia mais ao seu amigo Paulo que a Deus Bacho, deixou as pandegas, — procurou ocasião de falar a sós com o rapaz, — fez passar por incomodado para o arredar do recinto da folia, e tomou para um quarto próximo, onde se puseram a conversar secretamente.

Disse Bernardo á Paulo:

-- Paulinho, estás comprometido.

“ Como?

-- Querem dizer por cá que tu vens á mais negócio que é visitar o teu parente

“Eles tem razão. Eles sabem bem melhor que eu o que cá trago na mente! Mas como é que o sabem?

-- Há tempo que por cá soou aos ouvidos de alguns, de uma carta escrita por ti á sra.. F.....

“ Eu? Quem me dera ser isso verdade?

-- Não te finjas. Escreveste uma carta á Mariquinhas; e depois á sra. F.....

“ E depois.

-- Depois a mãe e a filha sentiam não poder satisfazer-te; porque já tinham feito outro arranjo

“ Que arranjo?

-- Arranjo esponsalicio para a sra. Mariquinhas.

“ E que tenho eu com arranjos esponsalicios?

-- Eu sei? Crê-se ao geral que tens algumas coisa, e que é a respeito desta coisa que tu vens.

“ Sim? Pode ser. Não sabia.

-- Ó Paulo, chamaram de dentro, e os dois amigos separaram-se.

E não tiveram mais ocasiões de falar sobre este ponto; porque Paulo no mesmo dia mostrou-se algum tanto distraído e assustado, e saiu de Margão.

V

Paulo era um rapaz de 18 anos. De estirpe ilustre, mais ilustre o tornara seu pai dando-lhe uma educação desvelada, que lhe ensinará a modéstia e o recato, a virtude e a honra.

Virtude e honra! Aqui se resume quanto é preciso para formar um espírito verdadeiramente feliz, e sinceramente bom.

Modéstia e recato! quanto não adornam um bom coração, quando usados á tempo e com modo?

Paulo freqüentava pouco os bailes e os teatros, esses poucos que aqui temos. Poucas vezes saia da casa, e poucas vezes, portanto, visitava casas de família onde pudesse conhecer o verdadeiro caminho da sociedade.

Com tudo Paulo aprendera-o todo e a fundo nos livros, em um estudo austero; e conhecia melhor que ninguém o que são mulheres.

Ainda hoje Paulo sobressalta-se ao menor vislumbre de formosura de uma mulher. Toda fama afável e galante, embora mesmo falta desse ornato exterior que se chama — formosura —, lhe faz sensação; parece apaixonar-se, entabula conhecimento, cumprimenta, obsequia, entretém-se, faz tudo, e muito sinceramente; mas nunca, ou quase nunca leva reminiscência disso para além do recinto em que põe em ação, e se leva algum dia, estou eu que essa há de ser uma reminiscência perpétua. O coração, os sentimentos de Paulo fazem excepção. Ah! Se fizessem regra! Bem quisera eu que o fosse, e tinha visto ou endireitado ou acabado este tortinho do mundo!

Mas.....

VI

O pobre mancebo estonteara-se completamente com a revelação de Bernardo, e vira todo o caminho, de Margão á sua casa, pensativo e aflitinho sem motivo para tanta coisa.

Pensando no que dizia dele a exma. sr.^a D.F. e mais o mundo marganense que ele então tinha na conta do mais crítico e mordaz de quantos via, sofria e sofria muito o pobre rapaz, e magoava-se de ter por ventura caído no desconceito geral.

Tinha razão. Um espírito que nasce bom, e que tem a consciência da sua bondade sofre assim, quando vê que o mundo tem por mau.

De que serve o ser bom em si, quando não pode passar por tal para com o mundo? A reputação formada, honrosa e venerável que um homem deixa aos contemporâneos e á posteridade, exige Deus como condição necessária para o realce da virtude interna.

Aliás o escândalo seria bom. Aliás a sociedade veria andar desassombrados os seus membros, com os olhos na eternidade celestial, e com o desprezo na eternidade terrestre de renome.

Aliás, para que criou Deus o mundo e a sociedade, a opinião pública e a fama?

Mas, Paulo, tu pensavas bem para ti, e para o mundo, mas o mundo não pensa assim. Que vale a opinião pública quando o agente tem a consciência virtuosa do que obrou?

Deixemos o mundo que é crítico, e amigo de louros póstumos. Deixemos o mundo; porque quando tu já te não lembrares do que fizeste, e ele vir desprezado, virá coroar-te, quando as coroas já te forem pesadas.

E Paulo mais tarde refletiu nisso. Quando chegou ao seu domicílio, e depois que expôs os seus sentimentos á alguns amigos, Paulo tomou sossego; quase que esqueceu completamente o que havia imaginado, e era o descobrir o fio do mistério, mas com tudo a revelação de Bernardo de Gama ficou-lhe gravada na mente em caracteres indeléveis.

VII

Mariquinhas era prima de Amélia, e Amélia era prima de Paulo. Logo Mariquinhas era prima de Paulo, não era? A lógica é concludente, e a prova está que tanto as premissas como a conclusão são verdadeiras. Querem provar isto? Confrontem as genealogias e vejam.

E eram. A prima Amélia encontrou um dia com o primo Paulo, em baile bodal de um outro primo, onde veio a falar-se da prima Mariquinhas. — A propósito dela, diz Amélia á Paulo:

— Então Paulinho em que pararam as tuas pretensões a mão de Mariquinhas?

“ As minhas pretensões!!?”

— Sim, as tuas pretensões, os teus desejos?

“ Não tive nenhum.

— Tiveste, ouve-me. Apaixonaste-se de Maria no baile do morgado de L....., escreveste-lhe uma carta declarando lhe o teu amor, e esta carta foi voltada; escreveste outra ao pai pedindo-a para esposa, e está dizem que se perdeu; finalmente.....não é verdade o que digo?

“ Acabe com isso Amélia.

— Finalmente escreveste uma a mãe, minha tia, felicitando-a por ter casado sua filha, declarando que tu a amarras, felicitando-te de este amor não Ter chegado a ser frenético, e desejando que Mariquinhas te estimasse & c., &c.,&c.

“ Bravo. Isto foi muito bem. Talvez eu não tivesse desempenhado melhor. Diz-me Amélia; viste a carta.

— Vi e não li. — Conheço a letra

“ É como esta?

— Exata.

“ Traíram-me. Malditos! Eu vos pagarei bem o serviço.

VIII

Paulinho conheceu mais tarde que toda esta turma era urdida por José; que este se sentirá afeiçoado á Mariquinhas; que queria ler-lhe o coração e os sentimentos, escrevendo-lhe em nome de Paulo, por ser parente, motivo bastante para as cartas serem bem aceitas —; que finalmente quando perderá esperanças, despachará a última carta de sentimental felicitação. O rapaz ficou fora de si, mas bom de mais para se deixar dominar, sossegou-se, desculpo a imprudência de José, e a inocente cumplicidade de Joaquimsinho. O caso é, porém, que todos eles vivem amigos, e quem anda desconfiado é Paulo, com a sr.^a D. F... e Mariquinhas com Paulo.

IX

O meu amigo Paulinho foi o próprio que me contou esta sua aventura como conta a todos, com uma gargalhada, por conclusão. Amélia o acompanha nesta estado presente; e Bernardo de Gama sente que a sua revelação não tivesse produzido um efeito trágico.

Paulo, Joaquim, José, Bernardo, Amélia, Mariquinhas, e este pobre servo de Deus passam sem novidade na sua importante saúde, e pedem aos céus saúde e prosperidade ao amigo leitor.

GONÇALVES, Júlio. Contos da minha terra: “Em uma noite de maio”. *Ilustração Goana*, n. 9, p. 6-11, 1865.

Esta história não vai incomodar ninguém. É um conto singelo, inocente, e verossímil, como tantos outros que já contei ou espero contar paulatinamente.

E sem mais preâmbulos, vamos ao caso.

Às sete horas e meia da noite de 16 de maio último, em Candolim, passeava eu de braços com um amigo no adro da capela dos Pintos, conversando largamente sobre coisas do passado, e às vezes também contemplando um pouco diversos objetos curiosos, diante dos quais parávamos.

Naqueles tranqüilos entretenimentos passávamos o tempo; e estava eu a perguntar á Pedrinho a história daquele histórico brasão de armas, colocado sobranceiro á porta da capela junto da qual nos entretínhamos.

Ouvimos então repentinamente um sussurro ao lado, ao pé da parede traseira da sacristia.

Aproximamo-nos do sítio e vimos um vulto, silencioso, e tremebundo a alvejar lá perto.

— Quem é? — perguntou-lhe Pedrinho.

O homem, se homem era, não respondia. Eu tive então meus receios de que fosse um dos emissários do anjo mau, mais claro que Lúcifer. Em breve, porém, os receios passaram-se em pensamento no que me dissera uma velha, e era que diante de dois não parou o diabo nunca.

Pedrinho tornou a perguntar em voz mais forte: “Quem está aí?”.

O vulto resmungou alguma coisa, que se lhe não percebeu.

-- “Está bom, é alma viva” diz-me Pedrinho de manso. Ele para si tinha lá que o diabo era mudo, quando um já vi eu que serviu de criada por 3 meses em uma casa da província, e que fazia todo o serviço menos assistir ao terço.

-- Quem é o sr.? gritou o meu amigo pela 3.^a vez.

“ Sou eu, sou eu” murmurava baixinho o sujeito. E ao mesmo tempo fez um sinal á um rapazinho que ali tinha o pé, para que parasse.

-- O sr. quem é? Perguntou de novo Pedrinho, não tem nome? —

“ Sou eu, Francisco Pedroso; o sr. é o sr. José?

-- Ah! É o sr. Francisco? Que quer v. aqui, á está hora?

“ Nada, nada, sr. José...

— Eu não sou José, e já me parece também que v. não é quem diz, — que faz v. aqui? Diga-me.

Eu percebi então uma enxada na mão do rapaz, e disse aos ouvidos do meu amigo — *uma enxada* —.

Pedrinho deixou então em paz o homem, e foi comigo á casa buscar uma luz.

— Quero ver que tesouros lá ele enterra — diz-me pelo caminho.

“ Pois sim, vejamos; disse-lhe eu, e voltamos com a luz. A chegada desta, já ninguém estava ali. Examinamos o sítio, e só pudemos apanhar o instrumento que ficará, e distinguimos os princípios de uma escavação.

A cova começada mostrava dimensões de 2 palmos de comprimento e 1 de largura. Não estava ainda, aprofundada; e os obreiros haviam desaparecido.

— Parece-te que será isto... pergunta-me Pedrinho.

“ Parece-me que é para algum...

— Algum o que?

“Isso, mesmo.

— Isso....sim, também me ia parecendo, mas...

“ Mas?

— Mas como diabo andaria com isso o padre Francisco?

“ Olha; lembra-te? a cunhada...

— Sim, ou então....talvez.....é possível?

“ Ora deixa, tudo é possível no mundo. Mas diga-me: tem certeza de que era aquele o padre Francisco?

— Disse-me, não o ouviste?

“ E acreditas? Não seria possível que o homem se fingisse?

— Será. Mas então porque....

“ Agora porque! Porque lhe lembrou isso. E depois, também, não me disseste tu que o pobrezinho andar­á algum tempo com a cabeça á roda?

— Sim, andou, e.... é verdade. Ou é isto uma alucinação, ou uma maroteira. Ou é o Francisco ou é o diabo, ou alguém por um deles.

“ Não. *Hic anguis latet*. Em todo o caso vejamos de quem é a enxada”. E fomos com ela para a casa.

Alvorozou-se a família toda, em vendas nas mãos de Pedrinho uma enxada do tal lote. — Um amigo, que lá estivera falando, saltou aflitinho para a banda, gritando: *isto é do cemitério*.

Á palavra *cemitério*, o meu companheiro atrou a enxada á breca, e muito custou faze-la retirar dali. As crianças trêmulas e chorosas abraçavam-se umas ás outras, ou se aconchegavam ao lado da mãe ou dos irmãos mais velhos. Eu mesmo fugi imediatamente para trezentos passos distante; e Pedrinho não se lembra ainda de Ter sofrido em dias da sua vida, tão grande pesar, como o de Ter sido por momentos *peão*. Mil pragas me rogou ele pela malfeita lembrança de levar a enxada para a casa.

Porém algum tempo depois trinta conjecturas vieram pôr em dúvida a denúncia do parvo hóspede. A família sossegou-se. A rapaziada, sob o peso do medo, dormiu. E também, eu tratei de fazer o mesmo, deixando para a manhã a solução do mistério.

A noite se passou sem novidade. Alguns dormiram muito á sua vontade, e eu, contra toda a minha, não preguei olho. Convenço-me bem disto, apesar de que me querem numerar entre aqueles que, sendo de todos os mais dorminhocos, são ao mesmo tempo os que mais se queixam do Morfeu, demasiado generoso com tais ingratos. — Deixemo-nos disso.

Mas, não. Saiu-me lá uma mentira redonda, quando disse que a noite se passara sem novidade. Pois também então eu não contava aqui nada. Muita coisa se passou de noite, embora não o soubessemos nós senão na manhã. Ora vejamos.

Ao primeiro bruxulear da luz crepúsculina da madrugada, acordamos nós, e o nosso primeiro cuidado, (meu e de Pedrinho, quero eu dizer) foi o de ir examinar bem a escavação noturna. Já a cova encetada se entulhara completamente; e por cima do espaço trabalhado estava dispersa uma folhagem secca, requeimada; e abundosa lá ao pé.

Pedrinho sentou-se, desviou a folhagem, e pôs-se a destulhar a covasinha, com um pedaço de telha. Já para nós o imaginado abortivo jazia ali. Durante o manobrar de Pedrinho, o coração palpitava-se bem batido, e a esperança de ver proximamente um cadáver junto de mim, exumado por mãos de Pedrinho, me fizera já perder o sossego.

No meu amigo, a curiosidade já extrema, nem mesmo lhe fazia já pesar o ofício de coveiro «Coveiro que enterra ou desenterra, como o frade que absorve ou é absorvido, vem a ser o mesmo» disseram-me uma velha. Mas o curioso não atendia á isto.

Acabou o meu rapaz o trabalho, e baldou-se-lhe lá todo. Não encontrara nada, mais que a terra dura, que bem mostrava não ter padecido ainda de dor de enxadela. Batemos por todos os lados (eu também pus-me então a ajuda-lo desde que desconfiei de ver o feto), e vimos com grande espanto que a mão noturna que escavara, só tinha depois entupido e nada mais. Neste entrementes, vem correndo á nós Ernesto (o leitor escusa de saber quem é este novo personagem), a dizer-nos que o P. Francisco enterrara lá de noite os ossos do sr. Bonifácio (também escusam de conhecer este senhor, que de mais a mais á morreu).

Curiosos e espantadiços, mais uma vez batemos de balde, e não obtivemos nada.

-- Quem é que te disse isso? — perguntei eu a Ernesto.

“ Ele mesmo que lá está.

— Pois vamos a ele,— disse eu á Pedrinho. E fomos — Pedrinho interrogou:

— Oh! que fazia v. , sr. Francisco, esta noite atras da capela?

“ Eu? nada: quem lhe disse isto?

— Disse-o s. rv. . Não falou comigo á noite? Não escavava lá mansinho com um rapaz?

“ Sim...ia enterrar lá...

— Enterrar lá o que? Os...

“ A água de uma lavagem. — A risada foi geral. Permitam-me que diga isto antes de dizer que ao pé do P. Francisco Pedroso, estava agrupada a rapaziada inteira da casa, que não era lá pequena. O pobre via-se cercado de vinte e tantos membros de uma mocidade curiosa, e não sabia o que devia dizer.

Eu e Pedrinho pedimos-lhe que contasse toda essa história dos ossos, e o que tinha de santo e bento aquela água de lavagem, que ele queria deixar tapadinhas detrás da capela, como a aguadilha missal em piscina escondida.

O padre não chegou a contar, porque uma outra nova curiosa veio interromper-nos. Também como não foi daquela noite essa história, em nada nos vem ao caso.

A outra nova curiosa foi a seguinte:

Uma rapariguinha veio correndo a dizer-nos que outra rapariguinha daqui ao pé, cometerá na noite o grande escândalo de se deixar ir embora da casa dos seus pais, aos braços de um querido, que a viera levar para si.

Já que estou pachorrento, quero contar também como foi o caso, que se o leitor não está de bons humores, pode largar de mão o conto, para lançar-lhe os olhos quando lhe parecer.

Josephina é como se chamava a pequena. Filha de estirpe humilde de pobres jornaleiros, teve ela a fortuna de saber ler á missa em um manual janota, e de tocar nas cordas desentoadas de uma formosa viola, ingênuos presentes de um futuro, que os pais lhe haviam arranjado.

Pelo toque da viola protesto eu; porque eu próprio ouvi muitas vezes o soar daquelas cordas. Mas quanto á leitura do manual, não dou palavra; porque bem pode ser que a raparigalesse como dizem que lia uma vez na igreja da nossa senhora do Rozario de Navelim de Salsete, um janotinha muito *galan*, ajoelhado com muita devoção, e conservando na mão, aberto á toa e virando, o manualsinho.

Seja como for. O que por lá me pediram instantaneamente que acreditase é que sete noivos tinham pretendido a mão da menina, com aquela luta com que sete cidades disputavam em outros tempos as honras da naturalidade de Homero.

A ser verdade, direi que o futuro da senhora Josephininha, não era destes sete. Mas um oitavo, escolhido pelo pai a seu jeito, porque lhe cheirara ser senhor de uns oito mil pardaús além de casa e porta; coisa que, ao que parece, não avisava nenhum dos sete.

Porém o que mete sua graça aqui é que a pequena tivesse fugido com um nono, deixando os oito a contar as estrelas ao meio dia.

Este nono era um mestre de musica que dava lições de viola á amável rapariga, que ele lá achou para si a Vênus de Paros, ou quem sabe mesmo se Diana de Efeso.

É bom que se saiba como é que a rapariga fugiu.— Os preliminares imaginemos, que eu, em não vendo o acontecido dentro daquelas 12 horas de 16 de maio, não conto nada.

Contra todo o seu costume, quis a sr.^a Josephina, naquela memorável noite, dormir destacada da família (na gente do povo aqui se costuma dormir em grupos, conforme os sexos), em um canapé mateiro que a casa tinha, colocado mais ao pé de uma janela baixinha, sem adufo.

Às 2 horas da manhã dizem que viera bater á ela o mestre de viola, e que a menina saiu por lá. Não se sabe isto ao certo.

Certissimamente sabe-se, apenas, que a portinha da janela ficou aberta, e a pobre família, que tinha de acordar mesmo cedo, a fim de assar uns fogueus, mais cedo do que precisava, se despertara com a fresca brisa que estranhamente soprara pela janelinha; e que dando com a falta da pequena era toda choros na inutilidade de plulateraes pesquisas.

O caso soou pela aldeia inteira; e foi então (eram 7 horas da manhã), que a rapariguinha de quem comecei por falar, nos veio também contá-lo admirada.

É o que se passou naquela noite. Posteriormente vim eu a saber o seguinte:

Graças aos milagres do telegrafo elétrico, e ás asas marinhas do vapor, um tio da sr.^a Josephininha, voltava de Bombaim, aflítinho com a novidade, e indignado do escandaloso acontecimento, a restituir a amante imprudente ao seio da família, o que conseguiu, depois de Ter estragado solas sobre solas, em andar montes e vales á procura da sobrinha.

Josephina com o mestre amado foram encontrados pelo ditoso tio nas proximidades de S. Pedro, em uma habitação que se perde ali, entre arvoredos sombrios, lendo num dos jornais que noticiava curiosamente este curioso ato.

O tio bombaista, sem querer importar-se com o mestre, nem com o jornal, carreteou com a pequena ás costas, e veio com ela caminho de sua casa, a fazer firl entrega do infiel traste aos pais chorosos que depois de um grande vozear se puseram imediatamente em paz, como muitas vezes, com uma grande trovoada, cessa a chuva; o que temos experimentado, apesar de aquele sr. filósofo de Sócrates ter dito outra coisa, em respeito á sua pacifica mulher.

Ainda posteriormente (há pouco tempo) recebi uma carta que me diz:

“A amante do mestre de viola embarcou-se, com seu tio para Bombaim, para onde partira pouco tempo depois da fuga da rapariga, o noivo dos 8 mil pardaus. Á estas horas já devem estar casados.

“Para te livrar da persuasão em que estás de que Josephina é de uma família pouco virtuosa, direi-te que uma das suas irmãs mereceu ao apóstolo das Índias, quando pela última vez foi exposto o seu venerado corpo, a graça de ser milagrosamente desembaraçada de uma tolhedura e insensibilidade de membros. — Aquele passo de Josephina bem podia nascer da imprudencia da idade, ou quem sabe se o ardor da paixão. Uma e outra levam-nos muitas vezes a fazer torturas!...

Não sei mais nada.

la-me, porém, esquecendo dizer que o amante querido ficou lendo no jornal, sem se importar até hoje do abjeto das suas ternuras. Mas o que mais que tudo me alegrou foi o saber que o noivo (o 8.º) do manual partira em 4, com um pontapé, a pobre viola, de que um busca-vida ficou com as cordas!...

J. Gonçalves

Conjunto de contos intitulados de **Aventuras de um Simplício**, composto pelos seguintes textos: *O fantasma*, *Um jesuíta* e *Onde é que está a riqueza*.

GONÇALVES, Júlio. Aventuras de um Simplício: "O fantasma". *Ilustração Goana*, n. 18, p. 4-9, 1866.

I

1.º

Quem era Simplício.

No tempo em que Pangim não era cidade, havia aqui cidadãos que passavam boa vida no centro desta povoação, humilde então, mas aprasível e pittoresca. Foi á essa classe de cidadãos panginenses que pertenceu Simplício Fernandes, o *gago*, conhecido da rapasiada pelo nome de = *mestre gago* =.

Seu pae era piloto da barra. O filho, quando não fosse á mais, devia pelo menos aspirar a tenente da armada. -- Eu não sei se aspirou; mas sei que Simplício o *gago* não foi mais que alfaiate, e hoje, se vivesse, nem isso era.

Posso dizer que simplício, quando não muitas, umas trinta vezes pelo menos era com mais prestimo e habilidade que seu pai. Talvez isto mesmo fosse a maior causa de triste posição do filho. São destinos de cada um.

Quero dizer o porque desta minha supposição. O piloto-mor já via seu filho adiantado nos estudos de latim. Viuvo como era, e rapaz, e como mulheres sobraram sempre, passou á segundas nupcias, e tanto quiz á esposa que tomou gana ao filho.

Não sei o que tinha uma coisa com outra. Pois tambem Simplício achava o mesmo, e nem por isso deixou de crer que seu pai o odiava por causa da mulher. O que me parece, he que o raro dos pais participava como bom marido da quizilia da madrasta ao enteado. Mas o que he certo, he que o sr. piloto embirrou um dia sem motivo com o filho, tirou-o da escola e obrigou-o á experimentar agulhas.

E assim , alfaiate ficou sendo o pobre pequeno; mas tanto se distinguiu em breve tempo no officio, que mestre Simplício ganhou nomeada na comarca e foi conhecido como o melhor official do seu tempo, nesta terra dos Castros.

2.º

Em que tempo foi isto.

Vai coisa de trinta annos, vinte teria então Simplicio, existiam ainda em Goa os conventos e as comunidades religiosas.

Era um dia que estava annunciado para a concessão do *jubiléu*. *Jubiléu*, creio eu que quer dizer, absolvição plenaria das nossas culpas; e se a palavra deriva de jubilo, deriva bem; porque immenso jubilo prendia n'esses dias de purgação plena, completa, absoluta, inteira e geral dos nossos bichos de consciencia.

Era pois em dia de jubileu que todos os peccadores contritos desta Samaria affluam aos conventos, situados na grande cidade, a realizarem ali, sob a graça paternal e sacrosanta dos benditos frades, as precisas practicas devocionaes.

Iam, e iam todos; e Simplicio que ainda então não era mestre nem aprendiz, mas um pobre rapaz sahido do latim para entrar em qualquer parte aonde o mandasse seu pai, Simplicio tambem foi.

3.º

Simplicio de caminho.

A's cinco horas de manhã, ouvidas ao relógio do visinho que regulava como a cabeça do dono, sahiu Simplicio da sua casa, enfiando um jaleco azul com uma pantalona da mesma côr, -- de bonet e chinellos brancos, e um bordão de *pau de rosa* para se deffender de qualquer coisa, e um bolo de trigo, para o peor dos aggressores, que podemos nos ter, interno e repentino -- a fome.

Cem passos distante dea sua habitação ouviu outro relógio batter 4 horas. "Isto vai como a ordem do mundo, disse o caminhante, sempre retrogrado; -- Deus queira que eu chegue ao meu destino, antes das 3. -- E tres horas lhe soaram outros cem passos adiante, estando ainda em Pangim".

Qual dos tres falla a verdade? murmurou comsigo Simplicio. Reflectiu porém que o terceiro era um dos que passava por pouco mentirosos, graças aos cuidados do seu dono. E convenceu-se então que tinha madrugado muito

O filho do piloto, porém, não eraq homem de andar como os relógios nem como o mundo. Voltar para traz he coisa que nunca fez nem faria de modo nenhum.

Seguiu pois sosinho e vagaroso pela ponte avante, por essa immensa ponte que nos fica ahi em memoria do conde de Linhares, d'quelle nomeado D. Miguel de Noronha, que não faltou entre nós quem o enforcasse em estatua por o não pilhar em corpo e alma.

Por essa ponte, dizia eu, foi seguindo o corajoso peregrino que se consolava de ter um pau tão forte como elle para ficar vencedor a quanto berzebus viessem porventur ao seu encontro n'aquellas solidões, como fanatismo, não contente de fazer crêr, apregoava.

4.º

Ribandar

Entre vagos receios e força de animo, andando foi o sr. Simplicio Fernandes e quatro e meia horas já eram quando chegou á Ribandar.

Por todo o solitario caminho que levara até ahi, nenhuma encontrou elle de tantas alminhas de outro mundo, que se dizia andavam por lá. Ao fim da ponte convenceu-se o esperto viandante de quão caricato he o fanatismo, especialmente em chegando ao ponto das fantasmagorias nocturnas.

Chegava elle, e devoto romeiro á poucos passos para aquem da parochia de Ribandar. Ha ali uma calçada de 10 a 12 passos de cumprimento, mas algum tanto impinada. Naquelle tempo ella era mais ingreme, e mesmo talvez mais extensa. Hoje está suavizada e bastante luz.

Ha, porém, até hoje a respeito della a mesma crença popular dos velhos tempos, de ser esse um dos sitios mais frequentados pelo que nós chamamos *o vento ruim*.

Simplicio *o gago*, quando topou com a extremidade inferior da calçada, lembrou-se da tradição popular; e poz-se a mirar em torno de si, se via alguma coisa de sinistro, que confirmasse aquella suspeita, que para elle não passava disto.

Ora por infelicidade do rapaz, que havia elle de ver? Um vulto alto, todo branco da cabeça aos pés, parado á extremidade superior da calçada.

Simplicio tambem parou. O coração já se lhe não sustinha no peito; mas em fim tomou coragem, apertou o punho no pau que trazia ao sovaco, e proseguiu. Proseguiu tambem o nevado vulto.

5.º

O diabo fugindo do rapaz e o rapaz do diabo.

Caminhando foram os dois entes, sempre a igual distancia um do outro. Parava o mestre a tentar uma experiencia e o vulto tambem parava, com a vista sempre fixa no viandante trazeiro, que faria o mesmo ao seu cruel perseguidor.

Parava repentinamente o vulto, e o mestre não tinha coragem de seguir; persignava-se e o vulto o imitava em tudo; -- parecia espionar-lhe todos os passos.

Convicto não estava ainda o sr. Simplicio Fernandes, de que aquillo fosse uma alma purgatoriana. Mas achou mysterioso o vulto; -- não homem vivo, mas tambem não homem morto. Jullgou por fim ser o *diabo*.

Seu pau de rosa que inda estava ao sovaco e de lá não saíra, tornou a dar-lhe alento contra as tentações do demoninho, e eis de novo o mancebo a continuar sua derrota. O vulto branco foi-se andando igualmente; e o mau era que não variava a distancia que ia d'entre meioaos dois. Esta circumstancia mais que todas influa no animo do povem peregrino.

Vendo-se este de novo fraco, julgou dever praticar o final exforço d'animosidade correndo resoluta a descarregar um mortal golpe na cabeça do *diabo alvo*.

Historias! O vulto havia desaparecido; e o aggressor fôra das a tremenda paulada a uma pedra salmourasaa, quu se destruiu com a mesma pressa que o pau.

6.º

Simplicio em penitencia.

O alvor da madrugada pronunciára-se melhormente. A hora estava serena. Simplicio Fernandes, pusilanime como nunca, enchera-o de afflicção a aventura que experimentara; e mais dois passos não podia dar para adiante do triste sitio de que queria fugir.

Mais socegado, porém, com algum tempo, adiantou-se e tomou assento no primeiro lugar commodo que encontrou. Ao umbral da primeira porta, que apanhou no bairro de S. Pedro, descançava o fatigado viandante, resava um padre nosso, em louvor de nossa Senhora da Piedade, e manducava de mansinho a 4ª parte do bolo que levava no bolso, primeira refeição para o afflictinho, depois de tanta lucta do coração.

E foi-se d'ahi meia hora depois. O sol rompia-lhe no horizonte, ao avisinhar-se do convento em que devia paarticipar de tão disputada graça do jubileu.

Desde o alvorecer do dia até o meio dia ficou o o devoto a resar junto dos altares do templo. E pelo que me disse elle, restava-lhe ainda fazer uma visita geral a todas as igrejas de todos os conventos que por lá havia -- Creio eu eu se lh'o impuzera como a todos no seu caso em penitencia de suas faltas.

Quando, pois, ao meio dia, cessou de resar, apalpou logo a sua algibeira. Dahi á nada viam-no dar conta da 2ª divisão do seu querido bolo, e correr a recber quatro gotas d'agua da pia, que lá ficava a porta.

7.º

O compadre Mello.

Entre a immensa multidão ia confundido o obscuro peregrino de Pangim tacteando de quando em quando a morada feliz do elicissimo, que estava felizmente ainda em quarto minguante, graças a pouca fome do sr. Simplicio.

Trinta aventuras succederam ao homem até a moite, as quaes escuso mencionar aqui; porque o leitor ficava entretido com a historieta, tendo como he de suppor, affazereres á que prestar atenção.

Nem eu tambem me vejo agora de pachorra precisa para accumular contos em contos, até fazer destas minhas aventuras, disse mal, d'estas aventuras do sr. Simplicio, um livro bom, grosso, comprido, volumoso, que me possa render pelo eximplar uns tantos xerafins. Não tomo nada.

Voltando, pois, ao heroe: não largára o corajoso ex-estudante de latim, durante todo o tempo que gastou nas visitas; e quando por meio morto de cançado quiz estar de volta, a companhia do sr. Mello, seu amigo e cumpadre, morador na freguezia de Ribandar, mais para a ponte de Linhares, de que já Simplicio não fazia caso algum; porque são e salvo já fora por ahi acima.

Mas para desde o sitio em que lhe ficàra o seu pau de rosa até a celebre calçada d'ao pé da igreja precisava d'alguem que o livrasse de novo assalto do alvo habitante da casa luciferina.

Pegou-se então ao mestre Mello, e esteve de volta para sua casa.

Eram 7 horas da noite. O sopro da briza acalentava-os brandamente. Era doce a claridade da lua.

8.º

Quem dos dois era o diabo. !

E o sr. Mello estava pensativo, e Simplicio Fernandes não menos, quando chegaram para junto da sepultura do lembrado *pau de rosa* do meu heroe.

E o sr. Mello depois de longa pausa interrogou “que tem você, Simplicio?”

Simplicio. E voce que em?

Mello. He muito triste sitio aquelle.

Simplicio. Ai, que tremo quando me vou chegando; he verdade, he um lugar pessimo.

Mello. Pois que! tambem lhe aconteceria!

Simplicio. Que lhe succedeu a você?

Mello. Ai! Vi um vulto preto, medonho, horrivel, que me perseguiu desde a igreja de Ribandar, até ahi.....! Ai! graças á Maria Santissima escapei!

Simplicio. Conta-me essa histtoria? (*Treme cada vea mais*).

Mello. Em casa, em casa; aqui não he bom lembrar.

Simplicio. He verdade. Vamos, (agarrando-se ao braço do companheiro!.....)

Junto á ladeira tremiam ambos. “He ali, dizia um, he ali que estava o *asmodeu*, preto como um negro”-- “E o que me perseguiu á mim, replicava Simplicio, branco como a neve, estava aqui em cima, o cruel, o maldicto.

Mello nutria já algum pouco de suspeita, e todavia não ousava leval-a ao conhecimento deo compadre Simplicio. Chegaram por fim á casa e ventilaram o negocio. Simplicio, pernoitou com o compadre, para não passar a ponte às 9 horas de noite, e sem o pau.

9.º

Como he que foi a passagem.

Como he que foi a passage cumpre-me agora dizer a leitor que deixei de certo ancioso pelo descubrimento do mysterio.

Simplicio Fernandes vestia escuro. Compadre Mello vesti branco. Ambos caminhavam os mesmo tempo. Um crêra ter o diabo adiant, outro atraz. Mediu um os passos d’outro, cada qual mais assustado. E por fim o sr. Mello, quando Simplicio

avançou para elle com o pau, ponde felizmente occultar-se sem se deixar sentir por detraz d'uma arvore.

Ora havia coisa mais simples! O que faz um receio!

10.º

A ultima partida do bolo e o adeus dos amigos.

De madrugada, no dia seguinte, Simplicio Fernandes, o gago, alentava o estomago com os restos mortaes de seu bolo, interminavel provisão, de que boa parte fora offerecida, sabe Deus se por amisade, se por favor, ao compadre Mello.

Este dormia ainda, quando Simplicio ás 6 horas da manhã sahiu para a sua casa. Para não acordal-o exogitou um meio que lhe exprimisse o seu adeus. Foi metter-lhe entreos beiços o ultimo bocado de codea requemada, que ainda lhe ficara na mão.

E feito isto veio com Deus; e passou tres dias a contar aos amigos a galant historia do *fantasma*. Ainda bem que assim fez. D'outra sorte não m'a liam hoje. Porque eu não imagino nem invento. E Simplicio Fernandes era preciso que vivesse hoje para lhes contar.

GONÇALVES, Júlio. Aventuras de um Simplicio: "Um Jesuíta". *Ilustração Goana*, n. 19, p. 5-10, 1866.

II

Aos 25 de novembro do anno do senhor de mil oitocentos e vinte e nove, na nossa velha cidade de Goa, devia ter lugar, como sabem, a festividade da bemaventurada Catharina, nossa padroeira, desde que esse dia havia saído tão propicio ás armas portuguezas na conquista de Goa, tão admiravelment effectuada pelo valente guerreiro que Luiz de Camões devia de chamar depois o Albuquerque terribil, e que devia morrer, na propria phrase daquelle vice-rei = mal com o povo por amor do rei e mal como o povo por amor do rei.

A festividade religiosa, que era, poderei bem dizer, ao mesmo tempo uma festa nacional, celebrava-se já então, como até hoje, n'essa notavel capella, que hoje vêmos situada no local, onde outr'ora se achava, segundo algumas notass historicas m'ó dizem, a antiga porta da ribeira.

Com a tropa que n'esse dia desfilava para a capital inruinada do oriente de Vasco de Gama, marchava tambem o então batalhão dos artilheiros, á postar-se no lugar de costume, proximo da capella.

Dois dias ante d'essa data um desconhecido pedia ser admitido a sentar praça entre os artilheiros, e tendo sido attendido na sua pretenção, na guarda de honra que se dirigiu a Goa, marchou tambem o novo soldado, que apenas disse chamar-se Manuel de Jesus.

O povo corria em bandos á festa de Santa Catharina. De todos os pontos do estado a plebe se dirigia para aquella moderna Palmyra, tão lamentada de seus filhos como do mundo, mas que não viu ainda talvez o Wolney que chorasse sobre as suas ruinas.

Aquelle colosso que altivo fôra um dia visto nas epochas douradas dos Martim-Affonsos e Vidigueiras, desabado por terra, depois que -- e bem cedo! -- o echo da trombeta malfadada lhe soara annunciando a proximidade da sua desdita, já então no tempo a que me refiro, não mais era do que o centro deplorável de edificios esboroados e desertos que desafiavam a queda, e se reduziam a crescentes montões de rebolos

Nem uma alma se apercebia vivente naquelle recinto soberbo, que um dia houvera que tinha chegado a encerrar dentro de si trzentos mil homens, formando um

povo feliz, quanto mais pezada devia ser a mão do fado que o opprimisse debaixo do seu jugo.

A solidão, porém, reinante n'aquelle deserto cheio de grandiosas tradições, e produzindo um silencio só interrompido pelo piar afflictivo dos moxos, ainda bem que em dias marcados se veste de uma gala, alegrada pelo rumor das populações que accorrem, sob um espirito de devoção e perigrinação, á esses poucos monumentos que o tempo nos soube felizmente respeitar e conservar-nos como reliquias dispersas da gloria e fé religiosa d'um povo e d'uma nação, que chegou a assoberbar-se á sombra do estandarte sublime que em toda parte levantou, e do alto do qual a victima do Gethsemani não duvidou uma vez lançar-lhe a sua benção divina.

E o povo, ia eu dizendo, se apinhava nas ruas, e animava os lugares publicos da cidade velha, e se agglomerava junto da capella, onde tinha lugar a brilhante festa. Centenas de embarcações demandavam simultaneamente os caes e os tomavam com aperto; e o ruido das carroagens se fazia tambem ouvir ao longo d'aquellas ruas; e os sons da musica e dos canticos suaves da igreja, diminuiam sensivelmente a melancolia habitual que reinava n'aquella desolada cidade.

Entre a gentalha, que apinhadamente se acercava da capella da padroeira, o leitor terá bondade de reconhecer simplicio Fernandes, o *gago*, seu tão recente conhecimento, que inda ha pouco lhe pude fazer adquirir.

Intrometido na multidão, e com ella o mestre Simplicio parára tambem ao pé do templo, a olhar attonito e curioso, em quanto o acto não começava, para o senado e diversas corporações veneráveis que ali se tinham reunido; e a seu tempo intrava tambem á orar n'aquella ermida curiosa, já tão cançada como tudo o mais que nos resta por lá.

Se me eu propuzesse aqui descrever o acto ecclesiastico e nacional, não se me dava de vos contar uma por uma as circumstancias todas delle, desde o troar do primeiro canhão que saudava á chegada do vice-rei até a ultima oração, que murmurasse a devota tardia que se reservasse para o final momento, por melhor commodo, e mais folgado culto.

Bem longe porém de tal fim, o que eu quero he narrar singelamente um conto, que teve o seu principio já depois de terminada a festividade, e quando a cidade desamparada, voltara ao estado primitivo de solidão e silencio, que só devia ser interrompido outra vez, em dias semelhantes.

Acabada, pois, e já tarde a festividade de S. Catharina a tropa se recolhera aos seus quartéis, e se passara revista á gente. D'entre as praças que tinham marchado, viera de menos uma. Era a nova praça desconhecida quem havia tão de repente desertado. Procurou-se immediatamente por uma escolta que fôra destacada em busca do soldado desertor. E a escolta, passados tres dias de pesquisas inuteis por toda a parte, voltára sem elle; e não houve mais que lançar-se a nota respectiva de deserção nos assentos do regimento.

Esses tres dias passara-os Simplicio Fernandes em casa d'um seu amigo de Marcella, e na tarde do terceiro, que era 28 de novembro, voltava para sua casa, tomando, bem se vê, um companheiro para o longo caminho, para que outra alguma aventura o não intimidasse, como aquella que já tive o prazer de levar ao conhecimento publico.

Mestre Simplicio viera andando até as ruinas do collegio de S. Roque, que se extendia até a famosa calçada que leva para o mosteiro de S. Monica, situado no alto da collina, que ficava sobranceira ao collegio enorme da celabrada companhia de Jesus.

O sr. Simplicio ainda se achava possuido dos maus humores que um bom vinho lhe havia abalado, e toldava sob a influencia da bachica electricidade que trazia da mesa do seu hospitaleiro amigo Bem se vê pois que mestre Simplicio se achava habil e prompto para quantas imprudencias lhe suggerisse o seu pouco serio estado.

Assim viera, pois, até as ruinas do collegio de S. Roque; e era sol-posto, quando viu passear sosinho e cauteloso um homem que parecia estar a procurar n'aquellas ruinas alguma coisa preciosa.

A' chegada dos dois festeiros, Simplicio e seu companheiro, o homem que exercia atitudes de um phantasma, aproximou-se e cumprimentou os dois viandantes convidando-os a dispensar-lhe dois momentos de attenção. -- Eles concederam.

“Já que pois me fazeis essa graça, disse-lhes então o vulto, dignai-vos de seguir-me para um lugar, onde possamos conversar sem sermos vistos”.

Escusado he dizer que aquelle homem era o mesmo Manuel de Jesus, que cinco dias antes sentára praça na artilharia d'este estado, e dois dias depois desertára do corpo, sem que se deixasse encontrar.

Mas quem era esse desconhecido aventureiro, que se appellidava Manuel de Jesus? Permitir-me-hão descortinar isto.

Manuel de Jesus Ferreira, era porventura o ultimo membro prescripto d'aquella afamada companhia. que tivera por seu fundador Ignacio de Loyola, e por o melhor de seus irmãos Francisco Xavier, esse apostolo magnanimo que vivêra exemplo de santidade e morrêra gloria da religião e da virtude -- daquella companhia que arvorára com o andar dos seculos o estandarte da hypocrisia e que erguera suas vistas cubiçosas aos dominios de todos os povos,-- que velava com Le Tellier á cabeceira de Luiz 14^o moribundo como velára os 2 Ferrari sobre o berço de D. Sebastião nascente para fazer delle um rei escravo de seus dictames, -- d'aquella companhia finalmente que o marquez de Pombal soubera abominar e destruir, descarregando o ultimo golpe, e mortal, sobre aquelle poder immenso que a força de tentar ser grande se fizera absurdo, cruel, e impassivel.

Simplicio Fernandes accedera com a mais malventurada promptidão á proposta de Manuel de Jesus. Essa promptidão já começara a assustar seu companheiro, a quem lhe restava ainda algum sizo. Teve, porém, de seguir Simplicio ao sitio para onde os levava o jesuita desgarrado.

O sitio á que chegaram era um plano aberto entre frondosos arvoredos, que escondiam a abertura de um grande subterraneo. A tradição nos conta que esse subterraneo communicava por baixo das caserias os dois conventos de S. Roque e S. Paulo, que os jesuitas possuiam na cidade, e que existia gambém um ramo que levava de S. Paulo ao velho S. Domingos.

Manuel de Jesus, tendo levado Simplicio e o seu afficto companheiro para aquelle subterraneo, fechando sobre si o alçapão que o occultava, á chave bem segura, fêl-os assentar sobre o pavimento que estava humido, mas de uma humidade, que não sei porque exquisitice saira aprasivel ao sr. Simplicio.

Estava em pleno limbo. O hospedeiro porém dissipou logo as trevas e d'entro de um momento o subterraneo estava iluminado. Tendo feito isto, Manuel de Jesus, assentou-se também, e começou pelo modo que se segue o breve discurso para que pedira aos dois viandantes sua attenção.

“Eu sou, disse-lhes elle então, eu sou um pobre padre da bemaventurada companhia de Jesus, de quem foi aquelle grande convento sobre cujas ruinas me vistes passear solitario, e de quem kpela maior parte foram todas as obras gigantescas e

monumentaes, que existem e existiram nesta terra, como em toda a parte onde o seu braço forte fez valer a grandeza do seu sominio sacrossanto.

“Vós sabeis porque maldoso despotismo o tyranno Pombal, aquelle altivo ministro d’el-rei D. José 1º, perseguiu a companhia dos santos padres até extinguil-a. A maior parte dos meus companheiros foram presos, e d’entre os poucos que puderam escapar o mais moço de todos sou eu, que me refugiei em terras extranhas e andei a pedir o auxilio de alguns povos que assim como acolheram os jesuitas a exemplo de Portugal, os repelliam igualmente ao brado do despota, que um capricho insolito collocara atraz do throno dos portuguezes.

“Vivi miseravel, e não ousandio pôr termo aos meus dias, que havia jurado dedical-os ao serviço da religião e da fé, vim a este paiz, disfarçado e de modo que não me fosse metter nas garras dos maus.

“Sentei praça no batalhão de artilheria, e n’outro dia marchei com aquelle corpo para a festividade da martyr Catharina.....

-- Um! he o senhor! -- atalhou Simplicio que me parece começára apenas a perceber estas ultimas palavras -- andavam-no procurando por cá..

“Será e não me podiam achar; porque não chegavam á este esconderijo, onde vós, meus amigos, passareis a noite melhor que em qualquer parte. Deixai-me, porém, concluir.

“Desertei n’outro da guarda de honra, que veiu assistir á festividade, e vim aciytar-me nestes sitios. Não sabeis porque?

“Os meus irmãos da companhia, bem o sabem todos, adquiriram fortunas consideraveis, e nos seus ultimos annos, quando lhes soou a voz do seu destino, esconderam immensos thesouros, que devem existir bebaixo destas ruinas que eu empreguei tres noites, felizmente allumiadas por um luar claro, em explorar.

“Sei o segredo de desenterrar esses pesados cofres, e quero vêr se posso assim remediar as necessidades dos ultimos dias que me restam. Se me ajudaes em mais algumas excursões, á vós que eu tomei tão de boa mente para meus confidentes, dar vos-hia parte do thesouro que descobrisse, e mais ainda, ensinar-vos-ia o segredo de os achar, se.... se guardasses fielmente o meu”.

A ambição começara a roer as entranhas dos dois infelizes que um momento aziago conduzira á um laço, como veremos. A historia dos thesouros, fazendo-lhes

lembrar a tradição que confirmava o dito de Manuel de Jesus, os havia ligado de tal modo ao aventureiro que demandava os seus serviços. Ficaram, pois, ali.

A' meia noite sahia do subterraneo o disfarçado discipulo de Loyola, a percorrer as ruinas de suas casas com um de seus hospedes. O outro ficava a guardar a habitação.

Dois dias foi sito. No terceiro o padre levou comsigo tão somente o companheiro de Simplicio, e este como mais corajoso ficou de sentinella no esconderijo. Os dois exploradores haviam tomado os instrumentos necessarios para uma exumação.

Tudo preparára d'antemão aquelle perdido Symbolo da corporação memoravel que se quedára.

“Deus seja comnosco, disse elle, abraçando Simplicio e despedindo-se, -- ore por nós, meu irmão, e por si, que nós o pedimos tambem ao supremo Deus.” E saiu com o seu companheiro que se chamava Henrique de Souza.

Manoel de Jesus e Henrique de Souza pararam ao sopé de uma cruz alta e magestosa, que parecia ser de ha quatro seculos e era toda d'uma só pedra.

O jesuita ajoelhou a orar junto d'essa cruz; e seu companheiro contemplava silencioso aquella obra veterana, velho penhor de antiguidade, que nos ficava ali.

Erguera-se apenas o padre; ouviu-se repentinamente um tremor de terra, que assustou Henrique. A cruz veneranda desabou logo, e debaixo della viu-se um grande caixão de cobre erguer-se para fora da cavidade. O jesuita tirou uma chave, que trazia, e abriu. Continha dinheiro em oiro e ricas pedras, que fascinaram os olhos de Henrique de Souza.

Mas os jesuitas se lhes convinham obreiros que os ajudassem, não lhes convieram nunca testemunhas que os compromettessem. A tradição, que á Simplicio falara dos thesouros soterrados da companhia, não lhe havia lembrado os esqueletos de muitos infelizes, que haviam perecido ás mãos dos filhos degenerados da igreja, e dsapparecido nas paredes de S. Roque e de S. Paulo.

Por isso, quando Manoel de Jesus ensaiou-se com o caixão nos hombros e pôde supportar o seu peso, Henrique de Souza, assassinado por elle, que não queria deixar essa testemunha no mundo que o devia perseguir, era atirado cruelmente para a cavidade donde saíra o caixão; e á uma 2^a oração a cruz se erguera e se consolidára como d'antes.

E o assassino com o caixão sobre os hombros desapareceu; e nunca mais se houve saber delle.

E Simplicio nesta crise fatal, tendo esperado debalde os excusores, invocou Deus, que o pôz fora do sbterraneo. Mas não obteve saber nada do amigo, que perecera victima de uma imprudencia, que ainda bem que não chegou a victimal-o á elle tambem.

Trinta e sete annos são passados por cima deste acontecimento, de que a justiça, tendo tido suspeitas, nunca pôde dertificar-se.

E o mundo continuou o seu caminho como até ali.

GONÇALVES, Júlio. Aventuras de um Simplicio: "Onde é que está a riqueza". *Ilustração Goana*, n. 21, p. 6-9, 1866.

III

1º

He agora um conto simples, que não cançará a paciencia dos meus ledores, se ainda a tiverem para dispensar á paginas despidas de todo o entremeio dos episodios, maus de se lerem, peiores ainda de se contarem, quando fallece humor para tanto.

Era uma monção pequena de Moçambique á Goa. Com feliz viagem haviam chegado embarcações costeiras de zanzibar, trazendo cartas e noticias dos que por lá vivem e do que por ali vai, que nos diga interesse.

D'entre as cartas que tinham vindo, uma era sobescriptada á Simplicio Fernandes, mestre alfaiate, reisdente na de cidade de Nova Goa. Era um desses acontecimentos tão raros, que omestre Simplicio logo lhe palpitára ocação de alegres esperanças de uma feliz noticia.

O eximio official da agulha abrira precipitado a carta, lera-a ainda mais precipitadamente, e soltara um profundo suspiro, que mais houvera parecido o lento respirar de quem se acha longo tempo suffocado.

Ao suspiro succedera a prompta licenciação dos operarios da officina, o vagaroso incerramento de todas as janellas da casa, e por fim um chamamento desalentado do mestre pela sua esposa.

Á voz do alfaiate, sua mulher apparecêra, baixinha e magra, de meigo porte, olhar vivo, e um todo bemfeito, d'uma feitura que déra alarme em toda a alfaiataria contemporânea, e a que mais de uma vista fidalga não deixára de se dirigir, innocentemente talvez.

O mestre se communicára em breves termos com sua esposa, que tendo recebido delle a importante noticia, que rezava a carta, fôra-se, mas com algazarra lagrimal que melhor soára um momento depois, ao qual som a visinhança depertada e indagadôra, como tambem promptamente sensivel, officiosa e cortez, accorrera com muita pressa á casa do mestre.

Mas que queria dizer tudo isso? Saber-se-ha. Continuemos entrementes a nossa narração.

2º

Os contados mezes de um luto que o mestre tomou, haviam passado despercebidos. Mestre Simplicio andára absorto em preparos de uma viagem; e em momentos de vagar, resmungava comsigo alguma coisa.

“Trezentos mil cruzados! -- dizia elle -- é uma alegre fortuna, não achas, Guilhermina? Bem haja na outra vida o nosso bom tio, que nos contemplou nesta miseria! Na verdade, estar a gente toda a vida agarrada á agulha e ao pano, para ter algum pouco de arroz, que dê o sustento indispensavel!..... Em fim, Deus ollhou-nos, e uma melhor sorte nos espera, e”

E a srª D.Guilhermina não respondia. De costas para o marido, entretinha-se em pentear-se e em dar cata aos piolhos que lhe saissem sobre o pente.

Ora façamos côro com as reflexões do sr. Simplicio. Effectivamente, trezentos mil cruzados, excellente pechincha era para quem como mestre Simplicio, pouco possuia em metal. Todavia esse rico thesouro ainda ficava por impalmar, correndo para além de não pouco temerosos mares, dos quaes as negras procellas mais de um desastre têm causado.

Pouco ou muito, pois que o mestre queria dinheiro, o dinheiro-rei que tanta coisa tem feito e terá de fazer neste bom mundo, era forçoso imbarcar.

3º

Entre longos aprestos e crescentes ancias, lá se fôra onegrejante inverno. A nossa barra, possuindo a melhor das defesas que a natureza nos deu para o decurso do tempo que os aguaceiros nos inregella, abrira-se por fim já, e solemnemente correra por cima do velho *banco* a imponente espada do S. Lourenço de Linhares.

Apos barcos e barcos e no fim de longos mezes, haviam entrado no porto de Nova Goa os brigues, que em *monção grande* deviam velejar para a Africa oriental.

Carregados do pouco que ha de appetecivel aos nossos irmãos indo-africanos, tinham erguido ancora os viageiros brigues. Mestre Simplicio Fernanddes imbarcara finalmente. Um fagueiro vento o levara, seu caminho. Deixemol-o ir e se possivel he, acompanhemo-o com a iamginação.

Fôra-se e chegára com tão feliz viagem, como não fizera ninguém. Deitava o pé em terra (e não me disseram se foi o direito ou o esquerdo) entre cortejos de amigos, que vinham saudar o ditoso herdeiro do tio Jeronimo (chamava-se Jeronimo o tio) e gozos de admiração e parzer com que olhava extasiado para a primeira cidade que via, fora da sua obscura terra natal, cidade que elle achára bella de grandes edificios, de cultos senhores, dominando almas intrevadas, como essas que das trevas têm a côr -- os cafres -- cidade aquella em que Simplicio esperava o gozo dos melhores dias da sua vida, graças á paternal justiça de seu tio.

Coitado, que se deixava inebriar n'uma esperança assente em ventura illusoria, cujo eixo, com pena o digamos, mão do destino partira bem antes de as felizes ancias o levarem pressurosos a essa boa terra.

Custa tanto recordar isto!..... Felizmente o sr. Simplicio é morto, e conto não ir renovar-lhe a sua *infandum dolorem*, com a marração. Contarei.

4º

Em quanto o mestre calculava reclinado sobre o velho canapé da sua casa, alguém mais se habilitara como herdeiro de Jeronimo Fernandes. -- O testamento deste, que provavelmente era noticiado na carta que Simplicio recebera, desaparecido em momentos e muito a tempo, tarde chegára á mão do instituto. A justiça, que muitas vezes acha provado tudo reconhecêra o desconhecido como legitimo herdeiro, e lá se fôra elle encetar, com o grande expolio, uma brilhante carreira commercial nos Brazes de Cabral.

E Simplicio Fernandes, longe da patria, n'uma terra extranha e inhospita, e sem o menor vintém na mão!

Não descorçoára, porém. As esperanças se lhe tinham tirado de sobre a grande herança que lhe fugira, achando elle inutil seguir-lhe as pegadas.

Depositára então a sua confiança plena nos amigos e patricios que o cercavam, e que ao longe da patria são sempre muito bons. Os d'elle, no rigor da sua posição, haviam sabido ser amigos.

Um momento crente nas fortunas repentinas e luxuosas, voltára de novo suas atenções para a doçura do trabalho, que toda vida provára, e no qual então punha toda a sua confiança, depois que um lance triste o levára á estabelecer o parallelo entre as riquezas deste optimo mundo.

Amava o trabalho, trabalhava. Quando depois voltava ao seu paiz apresentava-me uma nota, que dava:

“Por uma béca feita ao juiz C. dentro de uma noite.....20\$.

“Do presidente da camara, por uma capinha de setim lembrada 2 horas ante de um cortejo.....3 libras

“C.P. quando lhe forrei o caixão a um defuncto.....25 cruzados

E assim continuava a nota. Poucos mezes de trabalho, bem pago felizmente, dera-lhe um capital que podia attenuar bastante as necessidades de sua familia. E com esse capitalsinho veiu procural-a.

5º

Em um dia de outubro batia a porta da sua casa. Viera abrir-lh'a um militar de barbas. que trazia as divisas de sargento.

-- Minha mulher! pergunta espantado Simplicio.

“Sua mulher! -- corresponde o militar ainda mais espantado.

-- Sim, a minha Guilhermina que mora aqui. Pois não é esta a minha casa?

“De certo que não é, vá-se com Deus.

--V.mce. manga commigo? Esta casa não é minha!

“Nem a casa é sua, nem... nem quero mais dar-lhe ouvidos. -- E fechara sobre elle a porta.

Mestre Fernandes estava desorientado. Não se assustara, com tudo e tivera a paciencia de inquirir e indagar as coisas.

Viera por fim de contas, a saber que sua innocente esposa, descuidosa do pão do dia, e mais entregue ao atavios que a realçavam, vendera um a um os moveis, depois a casa, despendera o preço de tudo isso, e passara a servir de ama de leite ao filho de um cirurgião do corpo, serviço que em breve tempo lhe cessara, vivendo ella á mingua fora da capital.

Afflicto masi pelas desventuras da esposa, do que pelas suas imprudencias, correria a procural-a e conseguira reunir-se-lhe; e em pouco tempo annullava a venda da

sua casa, despejara della o intruso hospede, restabelecera inteiramente a sua vivenda, e tornara a abrir a officina aos seus bons freguezes.

6º

Acresce um facto, que testemunha a actividade e honradez provada de mestre Simplicio.

Era uma vez uma velha que morrera (isto foi no lbo) intestada, dispondo vocalmente d'uma grande fortuna para um creoulo que tinha.

Antes que a arca dos mortos cobrasse o expolio, era preciso que o pobre creoulo o puzesse a salvo. Assim se fez e elle pediu a mestre Simplicio, para que lhe fosse tomando conta no que mandasse.

Um carreteiro trouxera uma carteira, que ficara aberta.

O mestre não fez abalo; deixou ficar a carteira, e depois de o carreteiro se ter retirado, fecho-a, tirou-lhe a chave, sem querer saber o que continha.

Em o creoulo voltando, contara-lhe o caso, sorrindo-se, fôra este examinar a carteira, e Simplicio então vira que a caixa continha dinheiro em oiro. A fidelidade com que se portara lhe fazia receber por mãos do seu amigo, um innocente premio de cem moedas, das mais amarellas que tinha visto.

Tambem vinha consignada esta quota nos apontamentos dos seus ganhos.

“Aqui está, -- dizia elle comsigo, igualmente assentado sobre o canapé que reivindicara, e tendo acabadorde ordenar alguma curiosidade, -- isto é o fruto do neutrabalho. O trabalho tem sido a minha vida e o meu sustento. O trabalho é ao presente toda a minha ventura. O trabalho hade ser a melhor das minhas recompensas neste mundo. Quem me poderia apresentar outra alguma riqueza, tão preciosa como esta?

--Eu! -- atalhou um amigo que nêsse momento entrava.

“Onde está, pois, essa riqueza?

-- Na honra!...

Os dois amigos abraçaram-se, e se mirraram pelo funda daquela vivenda.

OLIVEIRA FILHO, José Antonio Pires de. *Júlio Gonçalves e a literatura romântica na Índia Portuguesa*. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. [Dedalus -Teses-USP](#)